

BETWEEN THE TOWN OF LUSO AND THE FOREST OF BUSSACO¹ (PORTUGAL): LITERARY AND CULTURAL TOURISTIC ITINERARIES²

Isilda Leitão³

Abstract:

Mainland Portugal has a lot of healing springs. Located in the Centre of the country, the town of Luso has since 2010 a *Medical Spa*, open all the year, supported by three complementary valances: Thermal Therapeutic, Thermal Spa and a Medical Centre. Since the middle of the 19th century its main objective focused on the benefits of water therapy, well-being and relaxation. Nowadays *Luso* water is known not only in Portugal but also internationally.

The *Baths* (also named *Caldas*) were protected by our aristocracy till the 1st Republic, in 1910, and searched by bourgeoisie and intellectuals since the 19th century. Some of them are painters and writers, who dedicated some of their works to the *Sacred Mountain of Bussaco*, that borders the thermal town, with its Palace and its *Desert*, the last one built between 1620 and 1690, by the Order of the Portuguese Barefoot Carmelites.

The aim of this exploratory study is to survey the possibility to apply literary and cultural contents to create tourist itineraries, in the middle of the nature and the culture, as a way of leisure, not only to those who make Thermal Therapeutic or Spa, but also for all who visit this place. We think this kind of product/ itinerary presents an opportunity for tourism development in this region, above all after the heaviest period of the pandemic COVID-19.

After the introduction, where we will make some considerations about the importance of Literature in the development on the cultural tourism experience, we will provide some information about Portuguese healing waters and thermal resorts, especially this one of Luso. Then, we will present the Forest of Bussaco and the texts and writers who can be associated to this possible new experience. We will finish with some reflexions about this matter. The methodology adopted is qualitative, based on the fields of Literature, History, Heritage, Arts and itinerary design.

Keywords: Medical Spa, healing springs, tourist, literary and cultural itineraries, Luso, Bussaco.

¹ Ou Buçaco. As duas grafias são possíveis (*vide* Alegre, 2020).

²This paper is financed by National Funds provided by FCT – Foundation for Science and Technology through project ref. UIDB/04470/2020.

³ CiTUR – ESHTE, e IELTS, Universidade Nova de Lisboa. isilda.leitão@eshte.pt A autora deste artigo não escreve de acordo com o Novo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa.

ENTRE A VILA DE LUSO E A MATA DO BUSSACO (PORTUGAL): ITINERÁRIOS TURÍSTICOS, LITERÁRIOS E CULTURAIS

Resumo:

Portugal Continental tem uma grande quantidade de nascentes de águas termais. Localizada no Centro do país, a vila de Luso, conhecida há séculos pelas suas águas termais, integra, nas suas Termas, desde 2010, um conceito inovador: um *Medical Spa*, aberto todo o ano, suportado por três valências: Termalismo Clássico, Spa Termal e um Centro Médico. Já desde meados do século XIX que o seu principal objectivo se centrava nas terapias através da água, no bem-estar e na relaxação.

Os *Banhos* (também designados *Caldas*) foram protegidos pela nossa aristocracia, até à 1ª República (1910), e procurados pela burguesia e por intelectuais, desde o século XIX. Alguns deles são pintores e escritores, que dedicaram algumas das suas obras ao *Sacromonte* do Bussaco, que se eleva acima da Vila de Luso, com o seu Palácio e o seu *Deserto*, este último construído de 1620 a 1690, pela Ordem dos Carmelitas Descalços.

O objectivo deste estudo exploratório é proporcionar conteúdos literários e culturais para criar itinerários turísticos, no seio da natureza e da cultura, como forma de lazer, não apenas para os aquistas que fazem os tratamentos termais, mas também para todos os que visitam este lugar, quer desfrutem ou não do Spa. Pensamos que este tipo de produto/itinerário apresenta uma oportunidade para o desenvolvimento do turismo nesta região, especialmente após o período mais grave da pandemia de COVID-19.

Após a introdução, onde teceremos algumas considerações sobre a importância da Literatura no desenvolvimento da experiência a nível cultural, daremos algumas informações sobre águas minerais e estabelecimentos termais portugueses, especialmente o de Luso. Seguidamente, apresentaremos a Mata do Bussaco e os textos e escritores que poderão ser associados a esta nova experiência. Terminaremos com algumas reflexões sobre este tema. A metodologia adoptada é essencialmente qualitativa, baseada em campos como a Literatura, História, Arte e itinerários turísticos.

Palavras-chave: Termalismo tradicional, Spa, itinerários turísticos, literários e culturais, Luso-Bussaco

1. INTRODUÇÃO - A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO LITERÁRIO

O Turismo Literário, visto como uma forma de turismo que promove o conhecimento de lugares, com património material e imaterial de relevo, desde cedo foi adoptado em países como a França ou a Inglaterra, apesar de actualmente apresentar características diferentes das do passado (Robinson, 2007; Watson, 2006; Deprest, 2004; Herbert, 2001).

Actualmente a Literatura e os relatos de viagens de séculos anteriores - como os que constituem, a partir de 1415, os da Expansão Portuguesa - continuam a desempenhar um papel importante na “formação de atitudes dos turistas contemporâneos em relação ao mundo [...]” (Robinson, 2007: 350). Na sequência de Herbert (2001) ou Watson (2006), também Gentile and Brown (2015), reconhecem que o turismo literário é um fenómeno complexo, abrangendo em si um património tangível e intangível. Estas autoras identificam as seguintes tipologias de lugares literários: lugares de nascimento dos escritores (*writer`s birthplaces*); túmulos dos escritores (*writer`s graves*); casas de escritores (*writer`s homes*); lugares ficcionados pelos escritores (*fiction-related tourism*); geografias fílmicas, induzidas pela literatura (*film-induced tourism*); escrita de viagens (*travel writing*); turismo de livrarias (*bookshop tourism*); festivais literários (*literary festivals*).

Ao ser reconhecida à Literatura e às Artes a capacidade de interligarem os lugares ficcionais com os reais (Deprest, 2004), potenciando experiências turísticas (Pine, Gilmore, 2011, 1998), elas tornam-se cada vez mais não num recurso subsidiário, mas numa das formas de promoção e desenvolvimento desses lugares, seja na Europa, seja em países não europeus (Leitão, 2018).

2. METODOLOGIA

No presente estudo exploratório, seguiremos uma metodologia fundamentalmente qualitativa. A investigação qualitativa, nomeadamente a pesquisa documental, assenta nos testemunhos recolhidos através do estudo de documentos e materiais (análise de textos na área da Literatura, da História, da Geografia ou da Arte) relacionados com o nosso campo de estudo (Luso-Bussaco), que podem ser reexaminados, com vista à descoberta e sentido de novos ou complementares sentidos e interpretações (Giddens, 2007). Em todo o processo o recurso a processos indutivos de análise, a descrição dos aspectos, factos e fenómenos de uma dada situação ou realidade, a identificação de um determinado problema, a recolha, organização e análise de dados, a triangulação e cruzamento dos mesmos de forma a evitar distorções possíveis, é fundamental, já que nestas metodologias, como reconhece a generalidade dos autores (Yin, 2014, Berg, 1995, Albarello, 2005), o próprio investigador se constitui como instrumento fundamental da investigação.

Cruzámos essa informação com a observação e análise *in situ*, contactando com os ambientes geográficos e culturais do espaço turístico, de forma a podermos interpretar e compreender as suas relações, *no contexto em que os fenómenos e comportamentos acontecem* (Altinay e Paraskevas, 2008:75), já que o objectivo central é potenciar e promover, aplicando os conteúdos literários e artísticos, a experiências turístico-culturais distintas das standardizadas. No caso, desenvolver itinerários literários e culturais na Vila de Luso e entre esta e a Mata do Bussaco

De acordo com Giordanna, um itinerário turístico é “le déplacement en tant qu`activité touristique qui cautionne le tourisme itinérant” (1996: 12). A natureza deste itinerário pode ser terrestre, aquático ou aéreo; o tema pode ser a descoberta do património cultural, histórico, gastronómico, desportivo. A duração pode variar (desde horas a semanas); a organização pode ser individual ou colectiva, auto-organizada ou organizada por um intermediário, podendo estes critérios entrecruzar-se. O itinerário pode realizar-se individualmente, ou por um casal com ou sem filhos, por uma família

ou por um grupo; com oferta ou não de serviços (restauração, alojamento, etc.). Finalmente, a forma do itinerário pode ser linear (sem voltar ao ponto de partida); e em “boucle” ou em “marguerite” (em que a volta ao ponto de partida ou a passagem por esse ponto poderá estar previsto) (Giordanna, 1996).

No que respeita à nossa proposta, estes itinerários literários e culturais poderão ser feitos em dias diferenciados, acompanhando o ritmo da permanência dos aquistas nas diferentes unidades hoteleiras, cabendo aos mesmos, se assim o pretenderem, a escolha dos diferentes autores e respectivos relatos. No caso de visitantes diários, estes poderão igualmente escolher os autores e os seus relatos, para realizarem o seu itinerário.

3. AS TERMAS EM PORTUGAL –DAS ORIGENS AO SÉCULO XXI - BREVE SÍNTESE

“D’antes o costume em Portugal, nos mezes de verão, era tomar ares. Quem fosse gente tinha casa no campo e em chegando o mez de Maio emigrava para a quinta [...] e ia espantar com as modas novas os habitantes tranquilos das circumvisinhanças [...] Foi preciso crear nova moda; e, há poucos annos, principiou toda a gente a ir para um canto qualquer, alugado, e metter alli a família toda. Primeiro tratou-se só de banhos de mar: a pouco e pouco a população sentiu-se cada vez mais agoniada, e veio no conhecimento de que os remédios são grãos de trigo que os medicamentos semeiam no corpo dos doentes, e em lhes cahindo alguma agua mineral no tempo próprio, dão colheita certa e magnifica. A vida moderna faz doenças novas, que encontram allivio no descanso e na distracção [...] as caldas conciliam tudo: mudança de ares, exercício ameno, banhos, copinhos, peregrinação, entretenimento, *vita nuova*. Era indispensável adoptar este regímen, e o entusiasmo por elle está sendo sincero. [...] D’este louvável empreendimento vae o livro – Banhos de Caldas e Aguas Mineraes – ser de ora em diante o melhor guia e o melhor companheiro. [...] Trata-se agradavelmente das nossas aguas nacionaes, aguas portuguesas, e das paisagens, dos montes, das cascatas, dos rios, dos vales, de tudo que póde attrahir, para ver se se acaba com a mania de termos maravilhas para as não explorar, desdenhando o que é nosso, o que nos está perto e fácil [...] Sempre que temos sido grandes, o havemos sido devido ás águas. Mas agora já seria catureira queremos ser heroes por ter andado ao de cima d’ellas; façamos melhor: bebâmol-as!... ”.

(Júlio César Machado in Ramalho Ortigão, *Banhos de Caldas e Águas Minerais*, 1875, pp. 5-7)

São variadas as formas de culto que, desde tempos imemoriais, se prestam aos deuses que curam ou aos que protegem as diferentes formas de curar doenças, que vão do canto do xamã ou dos toques de tambores à invocação do espírito dos mortos; da invocação da protecção dos animais, aos dos fenómenos naturais, como o vento ou a água, (Chevalier, Gheerbrant, 1982), entre elas, as águas minerais, muitas delas sob a protecção de deuses, como é o caso das inscrições que os evocam, encontrados nas Caldas de Vizela (Mangorrinha, 2000).

Sobretudo desde a Antiguidade Clássica que gregos - com hábitos de higiene que faziam parte da educação dos jovens, e onde os banhos colectivos e individuais eram prática corrente - e romanos, que os seguiram nessa prática, deixaram na Europa os hábitos dos banhos, termais ou não. A cultura árabe, na Península Ibérica, adoptou igualmente estes hábitos higiénicos, com importante significado cultural e religioso,

embora os vestígios dessas actividades apareçam, com maior significado, no Sul de Espanha.

O termo Spa tem origem numa cidade de França (região de Liège), que a antiga aristocracia romana costumava frequentar. São inúmeros os vestígios romanos de termas em território português (antiga Lusitânia), de Norte a Sul do país, como em Conimbriga, Óbidos, Lisboa (Termas de Cassios e Esculápio) ou Milreu. Remontando a essa época, mas na actualidade, temos exemplos de águas e de termas como as do Gerês, Chaves, Vidago, Pedras Salgadas, Vizela, S. Pedro do Sul ou Monchique.

Após a ocupação romana (na zona do actual território português, desde meados do século II A.D. até ao século V, D.C), os bárbaros que invadiram a Península Ibérica (séc. V D. C. a 711 D.C), entre eles os Visigodos, reconstruíram algumas dessas termas em território espanhol, não havendo dados concretos em relação a essa reconstrução, no caso da Lusitânia. Não existem igualmente, no actual território português, vestígios de que a posterior ocupação muçulmana (séc. VIII a 1249), tenha (re)edificado estruturas termais (Mangorrinha, 2000).

O símbolo da água, com as suas três vertentes fundamentais - fonte de vida, meio de purificação e centro de regeneração – presente em todas as religiões, incluindo na tradição bíblica, é contudo interpretada pelo cristianismo não como símbolo da vida, a *água da vida* do Antigo Testamento, mas como *Espírito*, anunciado no Novo Testamento, ou seja, como símbolo espiritual (Chevalier, Gheerbrant, 1982), o que vai levar ainda mais à degradação das estruturas anteriores e ao abandono, em geral, da balneoterapia pela mentalidade cristã medieval.

No início da nacionalidade portuguesa encontramos, contudo, o primeiro rei português, D. Afonso Henriques (1128-1185), curando um ferimento de uma perna nas termas de S. Pedro do Sul (Mangorrinha, 2000). A partir dessa época, mandadas edificar para diversos fins pelo clero, nobreza ou pelos reis, surgem albergarias (entre outras funções, assistência a diversas doenças, acolhimento a peregrinos) e leprosarias - como as mandadas erigir pelo rei D. Afonso Henriques ou pela Rainha Santa Isabel (1270?-1336), mulher do rei D. Dinis (1279-1325), que manda edificar igualmente um Hospital dedicado a Santa Isabel da Hungria, em Coimbra - estas últimas para tratar doentes com lepra, a maioria através da água.

Diversas são as *fontes santas* que, mesmo no período medieval, de Norte a Sul do país, também são referenciadas. Destacam-se, nas obras assistenciais do início da nacionalidade portuguesa, que acolhem igualmente desde viúvas a crianças órfãs, o labor das rainhas portuguesas e das ordens religiosas mendicantes, como a dos Franciscanos, Dominicanos e Trinitários, cujos conventos também tinham mercearias para alimentar os mais necessitados, bem como as congregações medievais que possuíam hospitais, como a de Rocamadour, que se tinha instalado em Portugal, proveniente de França, em 1193, em locais como Lisboa, Porto, Braga ou Torres Vedras.

No entanto, o primeiro hospital termal, que integrava banhos e cuidados médicos, foi o que surgiu no século XV, impulsionado pela Rainha D. Leonor (1481-1525), mulher do rei D. João II (1481-1495) e irmã do rei D. Manuel I (1495-1521). A Rainha

D. Leonor, para além de fundar a Confraria de Nossa Senhora da Misericórdia (1498)⁴, manda edificar, em 1485, o inovador Hospital Termal das Caldas da Rainha, o primeiro estabelecimento termal do país. Foram construídas habitações à volta do hospital, destinadas quer ao povoamento quer ao acolhimento de aquistas. Esta dinâmica de construção vai fazer desenvolver o lugar da actual cidade das Caldas da Rainha.

Conta a lenda que a Rainha, passando num local, onde havia gente a banhar-se (algo incomum para a época) em águas quentes com um cheiro forte, perguntou às pessoas o que faziam ali, ao que responderam que aquelas águas tinham efeitos curativos. A lenda afirma que a própria rainha, dado que também tinha uma doença, se banhou naquelas águas e se curou. Daí, ter mandado edificar o Hospital, para acolher não só os mais pobres, mas também para a nobreza ou para os reis, como foi o caso do rei D. João V (1706-1750). Esta característica assistencial para os mais desfavorecidos manteve-se em muitos edifícios termais⁵.

Considerado o primeiro hospital termal do mundo, o Hospital de Nossa Senhora do Pópulo, actualmente Termas das Caldas da Rainha (Centro de Portugal), era composto por duas piscinas cobertas, uma masculina e outra feminina, com assentos laterais. Estas comunicavam com compartimentos, que serviam tanto para vestiários como para banhos secos, onde os aquistas emanavam as águas sulfurosas, para curarem as doenças respiratórias. Um destes tanques foi usado, após a morte da Rainha, na parte exterior, para nele se curarem doentes com sarna. O edifício hospitalar integrava enfermarias, construídas em dois pisos, com capacidade para 100 camas, dependências (cozinha, farmácia, rouparia ou quartos do pessoal), oficinas, horta, pomar, azenha, cavalariças, uma albergaria para apoio a peregrinos, um pequeno palácio real e uma capela, consagrada a Nossa Senhora do Pópulo (Mongorrinha, 2000).

O edifício beneficiou dos arquitectos e mestres da época do *estilo manuelino* (séc. XVI), embora tivesse outras intervenções, nos séculos posteriores, entre eles no século XVIII. No século XIX, era considerado *o mais importante estabelecimento termal da Península Ibérica*, ocorrendo aqui muitos *aquistas* espanhóis (Mongorrinha, 2000). Apesar de algumas vicissitudes e campanhas de obras, continuou a funcionar ao longo do século XX, sendo temporariamente fechado em 2009, voltando a reabrir em 2019.

Nos séculos XVII e XVIII, continua a desenvolver-se este interesse pela águas termais. D. João V encarrega o Doutor Francisco da Fonseca Fernandes para realizar o que será o primeiro tratado de Hidrologia (incluindo águas de caldas/termas, fontes, rios), o *Aquilégio Medicinal* (1726). Mas é o Ministro de D. José I (1750-1777), o iluminista Marquês de Pombal (1699-1782), que contrata o naturalista Vandélli como Professor no Colégio dos Nobres e lhe solicita o estudo das nascentes minerais. Será assim reconhecida a *utilidade pública* das termas ((Mongorrinha, 2000).

⁴ Esta rainha está na origem da *Santa Casa da Misericórdia*, instituição cujo intuito era e ainda é o de auxiliar os mais pobres, doentes e necessitados. A acção desta instituição não só se centrou em Portugal Continental, mas as *Santas Casas* também se estenderam às ex-colónias portuguesas.

⁵ Entre eles, nas antigas termas do Estoril, que funcionaram inicialmente na *Quinta do Viana*, no século XIX. Estas águas, consideradas as mais salgadas do nosso país, já seriam conhecidas desde o tempo do rei D. Afonso Henriques e, como estância termal, desde o século XVIII. Com a remodelação de Fausto de Figueiredo, em 1918, estiveram abertas até 1961. Desde 2010, deram origem, através de novos furos, ao moderno *Estoril Wellness Center* e ao luxuoso *Banyan Tree Spa*.

O conturbado início do século XIX, com as invasões francesas (1908, 1909, 1910), a revolução liberal do Porto (1820), que permite a Portugal tornar-se numa monarquia constitucional (1820-1910), a guerra civil (1832-1834) entre liberais e absolutistas, que a consolidaram, as revoltas populares (1846-1847), ou os pronunciamentos militares (1823, 1826) até ao de 1851, que dará origem ao período da *Regeneração*, não facilitaram o desenvolvimento destas questões. Contudo, no século de Prometeu, a crença no Progresso, na Educação e na Ciência, faz com que a classe burguesa, advinda do Liberalismo, acorra às termas, com novos hábitos higiénicos, sociais e de convívio.

Só a partir da segunda metade do século XIX vai aparecer mais investigação e legislação específica, sobre a medicalização dos estabelecimentos termais. Extintas as Ordens Religiosas, em 1834, que até aí haviam continuado com a sua vocação para prestação de cuidados de saúde e assistenciais, os monarcas e as cortes continuaram a interessar-se pelo desenvolvimento da saúde pública, incluindo as termas, o que fez surgir alguma regulamentação sobre estas, sobretudo no reinado de D. Luís I (1861-1889).

Em 1899, o Professor Ricardo Jorge organiza os serviços de saúde pública, criando o *Regulamento Geral dos Serviços de Saúde e Beneficência Pública*. Estes *Serviços* entram em vigor em 1903, no reinado de D. Carlos I (1889-1908). Após o fim da monarquia (1128-1910), no período da 1ª República (1910-1926), da Ditadura (1926-1974) e da actual II República (1974-), foram-se desenvolvendo diferentes formas de apoio à saúde pública e às estâncias termais, estas últimas conhecidas como Termas de Portugal. Só a partir do final do século XX, o conceito de Spa surge associado a alguns hotéis do Algarve, mesmo em lugares onde não existem termas.

O conceito de Spa tem vindo, desde aí, a alargar-se ao resto do país. No caso em que o Spa funciona nos ou junto dos estabelecimentos termais, normalmente os tratamentos são mais ligeiros, consistindo em massagens manuais ou banhos de Vichy, tratamentos de estética ou medicina menos invasiva e em alguns casos, com tratamentos de bem-estar e relaxação mais sofisticados, como é o caso das piscinas de água termal. Nos casos destes tratamentos, a vertente mais termal (ingestão de águas, banhos de agulheta, arossóis ou imersão em banheira) surge preterida, não sendo necessário ir a uma consulta médica prévia, como é geralmente o caso dos tratamentos termais. Contudo, as massagens ou os duches de Vichy também já se faziam, antes da moda do Spa.

Após a II República, apesar de alguns reveses - como o corte, em 2011, pelo Serviço Nacional de Saúde (SNS)⁶, da comparticipação dos tratamentos termais, reposta apenas em 2018 - um novo tipo de políticas têm vindo a ser implementadas, favorecendo o termalismo clássico e o de bem-estar. Já a 9 de Agosto de 2009, o periódico *Diário de Notícias*, no suplemento “País”, chamava a atenção para as “Águas que são remédio para curar doenças”, e referia que os “últimos dados da Associação das Termas de Portugal” indicavam que, em 2006, cerca de 99000 pessoas fizeram termas”. A autora, Catarina Cristão, menciona igualmente que não eram “apenas as estâncias de água natural a ter procura”, mas que “as terapias com água do mar também estavam a conquistar um número crescente de adeptos” (p. 20). Segundo a Associação, a idade

⁶ Criado em 1979, o SNS visa assegurar o direito à saúde a todos os cidadãos de Portugal.

destas pessoas situava-se acima dos 55 anos, exceptuando o caso dos doentes com doenças respiratórias ou cutâneas.

O jornal *Público*, a 19 de Janeiro de 2019, noticiava, aquando do retorno da comparticipação das termas pelo Estado, através do S. N. S. - interrompida durante a intervenção do programa de assistência económico-financeira da *Troyka*, em Portugal (2011-2015) - num artigo intitulado “O valor científico e social do termalismo”, assinado pelo Presidente da Sociedade Portuguesa de Hidrologia e da International Society of Medical Hidrology, Pedro Cantista, que “as políticas que privilegiem a promoção dos comportamentos de saúde têm resultados claramente positivos nos seus índices, estendendo-se estes benefícios a ganhos económicos significativos. Muitos estudos «custo benefício» efectuados o demonstram, particularmente no sector termal” (p. 19). Para este retorno contribuiu uma petição assinada quer por um conjunto de personalidades ligadas ao termalismo português, quer pelos próprios aquistas. O autor refere ainda que “o termalismo assumiu uma dimensão social que, para além de uma lógica política tem hoje uma sólida e reconhecida base científica (infelizmente muitas vezes desconhecida)” (p. 19).

O jornal *Público* de 6 de Junho de 2021, informava que, segundo dados da Direcção Geral de Energia e Geologia (DGEG), tinham sido contabilizados em Portugal Continental “47 estabelecimentos termais em funcionamento”, com a maioria das termas (98%) a localizarem-se no Centro (23) e Norte do País (21). Referia ainda que, segundo a Associação Termas de Portugal, a facturação de 2019 em termalismo clássico, em Portugal Continental, tinha sido “de 11.523 milhões (+ 9% do que a facturação em 2018), e no termalismo de bem-estar e lazer de 2.222 milhões de euros (+ 1,4% do que em 2018). No que respeita à Região Norte, as 21 termas que funcionaram registaram 11.474 clientes em termalismo clássico em 2019 (+ 36% do que em 2018) e 21.687 em termalismo de bem-estar (+ 18%)”. O “termalismo clássico facturou 3 milhões e 286 mil euros (85% total) enquanto o termalismo de bem-estar e lazer facturou 602 mil euros”, segundo a mesma fonte.

Este sucesso pode dever-se igualmente ao facto de que em 2019, para além de ser reposta a comparticipação dos tratamentos termais pelo S. N. S., as Termas de Portugal terem lançado uma “campanha de comunicação e promoção em rede, direccionada para o mercado interno, posicionado as Termas como destinos de promoção de saúde e de estilos de vida saudável”, um programa “de enorme relevância para dinamizar as localidades termais, particularmente as que se situam em territórios de baixa densidade, como acontece na sua maioria” (Leal, 2018-2019: 5). Contudo, em 2020, aparece o COVID-19.

4. A VILA DE LUSO E A SUA ÁGUA

O Luso é uma pequena vila que, desde meados do século XIX, teve como principal objectivo desenvolver o bem-estar através da terapia da água. Este facto originou uma verdadeira era de ouro na estância termal. Outrora terra de moinhos de água, esta zona rural transformou-se profundamente, de forma a poder acolher elites, nacionais e estrangeiras, durante o período de férias.

As primeiras referências à Água de Luso e ao seu “olho de água” aparecem em 1726, no *Aquilégio Medicinal*. Os seus benefícios foram testados pela primeira vez em

1775, por João António Morais, um médico daquela zona. Este afirmou que a água tinha curado a Rainha D. Maria I (1777-1816) de uma doença grave. O Físico e Químico francês, Charles Le Pierre (1867-1945), que veio para Portugal na década de oitenta do século XIX, analisou, entre outras, a Água de Luso, considerando-a “muito pura”. Esta contribuiu para curar doentes com infecções e problemas de litíase renal, problemas crónicos respiratórios, patologias da pele, problemas de reumático e de ossos, bem como doenças do foro endócrino e metabólico, como tensão e colesterol elevados, diabetes e gota. No passado, foram tratados igualmente com sucesso doentes com elefantíase ou lepra.

Os tratamentos de pele eram habituais nos *Banhos*, mas a primeira pessoa a ingerir água de uma maneira sistemática (quatro copos por dia) e a falar do efeito positivo produzido foi um aquista de Torres Vedras, em 1886. No entanto, poucas pessoas seguiram o seu exemplo. O aquista que “descobriu” que a água era boa para beber foi um médico de Lisboa, que esteve no Luso entre 1894 e 1897 (*Sociedade*, 2002). A água mineral foi comercializada em 1894.

Após a guerra civil (1832-1834), o presidente da Câmara Municipal da Mealhada, que já estava na posse destas terras por alvará de 1850, ordenou que fossem destruídas as casas de madeira, que tinham sido construídas à volta da nascente de água, e substituídas por casas em alvenaria. Como os materiais eram fracos em 1850, com a concordância do Governador de Coimbra e do Concelho da Mealhada, uma comissão, presidida pelo médico António Augusto da Costa Simões, solicitou à Rainha D. Maria II (1834-1853) que fossem construídos novos edifícios hidroterapêuticos e financiamento para os mesmos. Esta diligência teve sucesso, dado que a Rainha visitou a Mata do Bussaco, em 1852, e ela e a família real ficaram maravilhadas com o lugar. O mesmo sucederá aos visitantes laicos que, a partir de 1834, com a abertura da Mata, tiveram a oportunidade de a visitar. A Rainha fez uma avultada doação para a construção dos edifícios termais.

Também na década de cinquenta o Luso já era conhecido como estância termal, graças à criação da *Sociedade para os Melhoramentos dos Banhos de Luso*, em 1852. Esta *Sociedade* foi impulsionada pelo Dr. Costa Simões e pelos Drs. Francisco Dinis e Assis Leão, para desenvolver e promover a Água de Luso⁷. Com 170 anos de existência, chama-se actualmente *Sociedade de Água do Luso* (SAL).

A *Sociedade para os Melhoramentos dos Banhos de Luso* foi de grande importância para o desenvolvimento da Vila e da estância termal. Em 1855, foi aberto um novo estabelecimento termal que, em 1856, compreendia também uma *sala de descanso, leitura e jogo de vasa*, mais tarde *enriquecida com um piano* (*Sociedade*, 2002). Em 1893, foi construído um novo edifício, o *Anexo* (actualmente o Serviço de Medicina Física e de Reabilitação/ Centro Médico), que integrou, em 1894, uma bela **piscina**, feita pela Casa Eiffel, em estilo *Art Nouveau*. Nesta, fizeram-se e fazem-se tratamentos de fisioterapia na água. Outros equipamentos foram instalados, à época,

⁷ Outras duas figuras de relevo impulsionaram as Termas e o Luso: o Professor Catedrático de Cirurgia Bissaya Barreto (1886-1974), que se destaca pela sua obra científica e social, tendo sido Presidente do Conselho de Administração da Sociedade, de 1930 a 1959; o empresário, que se destaca igualmente pela sua benemerência, Messias Baptista (1891- 1974), que impulsionou a construção do Grande Hotel de Luso, ou a compra da Quinta do Cruzeiro, tendo feito igualmente parte do Conselho de Administração da mesma (*Sociedade*, 2002).

como diferentes tipos de duches (*jacto pleno, chuva ou leque, circulares, verticais, d'assento locaes-perinaes, vaginaes, lombares e sacros, Sociedade, 2002*). Alguns dos antigos equipamentos, bem como diferentes modelos de garrafas, garrafões e outros objectos, estão em duas pequenas salas de exposição permanente no **Casino** de Luso.

Entre 1931 e 1937, o **Balneário Termal** foi transformado pelo arquitecto Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), e nele foi criado, no primeiro andar, o **Emanatório**, uma sala fechada construída acima da nascente termal, o **olho de água**. Os gases que a água emana, à temperatura a que sai da terra, 27 graus (antes de ser ingerida, não necessita de ser arrefecida), servem para fins terapêuticos. Segundo os registos da época, o **Emanatório** era único no país (*Casino, 2002*). A **Buvete** do **Balneário**, estilo *Art Déco*, no andar de baixo, é decorada com uma escultura em bronze de João da Silva, que representa uma menina a beber água de Luso, a **Menina Pureza**, que se tornou o logotipo da marca, em 1938.

Graças à colaboração de Emídio Navarro (1844-1905), Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria (de 1886 a 1889) do Rei D. Luís I (1838-1889), a estância termal e o Bussaco vão conhecer um florescimento *avant-garde*. Navarro deseja colocar o Luso “no mapa das referências turísticas da Europa. Para o efeito, assina um despacho, em Julho de 1888, onde ordena a construção do *Palace* do Buçaco” (Monteiro, 2005: 66). Desta forma, é graças à iniciativa do Conselheiro Navarro que se construirá o *Palace* (considerado Património Nacional, em 2017), tendo o Luso sofrido um desenvolvimento incontestável. Em 1884, promove a construção de duas escolas primárias, um posto de Correio, e a abertura de ruas e avenidas. Uma delas tem o seu nome. Desta forma, fixa população permanente à Vila.

Durante o seu Ministério, prosseguindo o desenvolvimento da rede ferroviária, iniciado no reinado de D. Maria II, pelo Ministro Fontes Pereira de Melo (1819-1879), a sua política de desenvolvimento leva a que o *Sud-Express* (conhecido como «o furgão azul»), inaugurado em 1887, ligando Lisboa a Paris, passe na Pampilhosa, integrado na Linha da Beira Alta. A partir dessa época, o Luso e o Buçaco conhecerão um decisivo impulso turístico⁸, convertendo-se numa estância de veraneio, “obrigatória” para a sociedade da época.

Aconselhada pelos médicos, a aristocracia, a nobreza, a burguesia, desde ministros a intelectuais, de industriais a comerciantes, começam a afluir às termas. Em 1874, estavam registados 1308 aquistas e, em 1876, o seu número já era de 10.000 (*Sociedade, 2002*), algo surpreendente, porque apenas em 1892 o Luso teve a sua estação de caminhos-de-ferro. Os mais desfavorecidos também não foram esquecidos. Em 1860, a *Sociedade* recebeu donativos de um emigrante (Manuel Ferreira de Azevedo Júnior) residente no Brasil, que fez uma colecta junto de outros emigrantes

⁸ Em consonância com a corrente europeia, ao impulsionar o Ensino Técnico (em ramos tão importantes como o do ensino industrial, comercial e agrícola) e ao desenvolver o sector das Comunicações, Navarro dotava Portugal com as *ferramentas* que possibilitariam o desenvolvimento dessa nova indústria, a do Turismo (que surge na sua forma organizada, em Portugal, em 1842, com a *Agência Abreu*, anterior à inglesa *Thomas Cook*, de 1865) que ajudaria o país a entrar na via de um Progresso equiparável ao de outros países europeus. Ao estimular as condições de oferta adequadas para a consolidação do seu propósito, Navarro pretende igualmente criar uma “sociedade de turismo”, a que daria o nome de «Propaganda de Portugal», visto que para ele esta “seria a área económica mais rentável do país, sendo por excelência uma **indústria de paz**” (Monteiro, 2005: 51). Navarro organiza igualmente as Matas florestais e cria a figura de *guarda florestal*.

portugueses, para construírem uma *albergaria dos pobres*, perto do edifício principal, e de uma *banheira de pobres fóra do edifício*, para que estes também se pudessem ali banhar (*Sociedade*, 2002).

Em 1916, um médico adjunto já dirigia e fiscalizava permanentemente o engarrafamento da água e, todos os trimestres, faziam-se análises bacteriológicas à mesma, no Laboratório de Microbiologia da Universidade de Coimbra. Ainda em 1916, inicia-se “o fabrico e comercialização dos refrigerantes sortidos da Água de Luso: laranja, ananás, limão, morango, groselha e tangerina” (*Sociedade*, 2002: 33). Esta prática, que ressurgiu sob a forma dos refrigerantes *Yougura* e *Lusoranja*, em 1931, (*Sociedade*, 2002) foi-se extinguindo, mas volta a ressurgir no século XXI, sob uma nova forma: a *Água de Luso* sem gás de *Frutos Vermelhos*.

Todos estes melhoramentos deram origem à construção de muitas quintas e *challets*, nas últimas décadas do século XIX, pertencentes à aristocracia e alta burguesia, hoje em dia muitos deles nas mãos de privados ou de agências imobiliárias.

Entre eles destacamos a quinta de Emídeo Navarro, a *Quinta do Viso*, onde o Conselheiro viria a falecer. O *Challet* do Marquês da Graciosa e de sua esposa, Maria Emília, actualmente *Hotel Alegre*. O seu proprietário, Nuno Alegre, realiza estudos sobre o Luso e o Bussaco, tendo feito o primeiro mapa turístico conjunto da Vila e do Bussaco, em 2020.

A Casa Barbosa Colén /Cohen (encontramos duas grafias distintas), era de um jornalista do círculo de Navarro, Membro da Academia Real da História que sucede, após a morte de Navarro, a Director do *Jornal Novidades*. Esta pertence, sob a designação de *Vila Missi/Mici* (encontramos duas grafias distintas) à família de um dos pioneiros da hotelaria e do turismo, natural de Luso, Alexandre de Almeida, cuja família tem a concessão do *Palace Hotel do Bussaco*.

A *Vila Aurora* - inicialmente *Villa Laura*, nome dado pelo primeiro proprietário, nos finais do século XIX, Alberto Lacerda, administrador da *Sociedade para Melhoramentos da Água de Luso*, em homenagem à sua esposa – posteriormente passa para a família do Dr. Troncho de Melo, sendo actualmente um hotel. A *Residencial Choupal* terá sido inicialmente uma Sala de Espectáculos até se tornar, após diversificadas utilizações, num alojamento hoteleiro. De notar que muitas casas de Luso, mesmo as menos sumptuosas, ainda conservam o embrechado (pequenos mosaicos em pedra, unidos com argila), que encontramos no Mosteiro/Convento de Santa Cruz do Buçaco.

Como noutros lugares da Europa, até aos anos 30 do século XX houve uma grande expansão das Termas (Chaves/Vidago, Pedras Salgadas ou Curia), com equipamentos sofisticados, jardins, belos hotéis (os *Palace Hotel*), casinos e muitas actividades de lazer e culturais. Um espírito pioneiro deu igualmente os seus primeiros passos para o turismo de alojamento. Em Luso edificaram-se pensões, como a **Pensão Astória**, cujo proprietário inicial, Ernesto Lacerda, era irmão de Alberto Lacerda.

Também foram construídos Hotéis, como o Hotel dos Banhos (*Sociedade*, 2002), que se encontrava a poucos metros da Estância Termal, tendo sido posteriormente demolido; o Hotel Lusitano, actualmente **INATEL**, ou o Hotel Serra, presentemente abandonado. Mas o mais importante, e que continua com o seu nível *upgrade*, o **Grande Hotel** foi construído em 1940, sob a traça do arquitecto Cassiano Branco (1897-1970). A sua piscina olímpica foi inaugurada em 1941. Está situado perto das

termas e ligado a elas por um corredor interior e um túnel exterior. Para além de aquistas e outros turistas, o Hotel é usado por equipas de várias modalidades, que treinam no **Pavilhão Desportivo**, construído no **Jardim de Luso**. Este possui um court de ténis municipal.

O *Club/ Grémio/ Casino* de Luso foi construído em 1886, num estilo *Art Nouveau*. Ali os aquistas podiam ver concertos e teatro, servindo também de salão de dança e local de jogo. Integra uma **Biblioteca**, com livros oferecidos por benfeitores, que podem ser lidos no local. Tem também salas onde se podem ver exposições diversas, ouvir conferências ou música. Anexo ao mesmo encontra-se o **Café do Casino**, também com balcão em *Art Nouveau*. No espaço exterior há um **Jardim**, com plátanos, bancos de madeira e flores onde, num palco sempre montado, há concertos no Verão. Também se fazem ali pequenas feiras de artesanato ou de produtos gastronómicos. Desde 1913, existe neste jardim um *court* de ténis, actualmente desactivado.

Perto do Jardim do Casino, destaca-se uma das mais famosas fontes do Luso, a **Fonte de S. João**, com diversas bicas, cuja nascente de água muito pura se pode ver através de uma pequena pirâmide de vidro. Ali, inúmeras pessoas, sobretudo ao fim-de-semana, vêm encher os seus garrações de água, sem qualquer custo. Local de encontro e lazer, outrora este espaço era também um lugar onde se lavava roupa, tal a abundância de água. A Fonte de S. João tem “associada” a ela a **Capela de S. João Evangelista**, de planta hexagonal, rara no país. O **Chafariz de 1917** é outra das fontes de Luso, patrocinada, como se pode ainda observar, pela Sociedade de Propaganda de Portugal (SPP), com embrechados semelhantes ao Convento de Santa Cruz do Buçaco. Outra das fontes famosas, pela paisagem e local, na **Avenida dos Castanheiros**, embora de menor volume de água, é a **Fonte dos Castanheiros**.

Em 2009, as Termas foram concessionadas a uma empresa privada (Malo Clinic), tendo a concessão terminado em 2017 e passado novamente para a *SAL* e, desde 2021, para a Sociedade Central de Cervejas (cuja presença inicial na empresa data de 1970, *Sociedade*, 2002). Deste modo, em 2010, o interior do Balneário Termal, modernizado em 1997 (*Sociedade*, 2002), sofreu uma transformação decisiva, de modo a tornar parte do espaço das clássicas termas num **Spa Termal**, com uma nova piscina (abastecida com água de Luso) para relaxação, que pode ser utilizada individualmente ou por casais, e com tratamentos de saúde, beleza e bem-estar, associados a esse conceito, nos gabinetes disponibilizados para o efeito.

Simultaneamente, a Malo reduziu o espaço do Balneário dedicado à Terapêutica Termal e aos aquistas, o que teve um impacto menos positivo, no que respeita aos aquistas mais antigos, dado que esta mudança física foi acompanhada por mudanças a nível de gestão das Termas. Contudo, anterior ao conceito de Spa e a estas transformações, já se faziam tratamentos de pele, hidromassagem com Vichy ou duche de agulheta.

Com o Spa Termal, surge um ambiente Zen no interior das termas, com cadeiras de repouso (do anterior equipamento das Termas, revestidas agora a branco), bambus artificiais e música relaxante. Ao lado do *Emanatório* e dos aerossóis, na parte superior, e perto da *Buvete*, em baixo, que manteve o estilo de *Art Déco*, encontram-se áreas de repouso, com sofás articulados e normais para o efeito. O tradicional jardim exterior, com hortênsias, foi substituído por um de carácter orientalizante, com bambus naturais e

pedras brancas, reunidas num *design* simples, tendo permanecido o velho salgueiro ao centro.

No *Anexo/ Bloco de Fisioterapia*, que desde 1983 funcionou (*Sociedade*, 2002), como ainda funciona, durante todo o ano, no âmbito da Medicina Física e da Reabilitação, continua instalado o **Centro Médico**, com consultas, tratamentos de pele e a piscina Eiffel, igualmente abastecida com água de Luso, para fins terapêuticos. O exterior do edifício é revestido com *embrechados*.

Os *Banhos*, as Termas de Luso, foram, assim, procuradas e protegidas pela nossa aristocracia, até à implantação da I República. D. Manuel II (1908-1910), tendo ficado a descansar no Verão de 1910 (ano em que a Monarquia Portuguesa cai, a 5 de Outubro), no *Palace* do Bussaco, foi o último rei a fazer ali tratamentos (*Sociedade*, 2002). Durante a 1ª República, a *Sociedade de Água de Luso*, SALR (1916) cria a marca Luso-Buçaco e, entre 1924 e 1925, foi construído um edifício destinado especificamente ao engarrafamento da Água (*Sociedade*, 2002), tendo sido posteriormente construído, dado o volume de engarrafamento, um outro, num local perto do **Jardim do Luso/ Jardim do Lago**⁹. Actualmente, o engarrafamento é feito na Quinta do Cruzeiro (adquirida em 1954), a 5 km da Vila, que possui uma nascente de grande valor, a *Água do Cruzeiro*, que foi licenciada para comercialização em 1956 (*Sociedade*, 2002)

Apesar de nos anos sessenta do século XX, dada a consolidação do turismo de sol e praia, nomeadamente no Algarve, a época de ouro do turismo termal começar a esmorecer, nos anos setenta e oitenta ainda era difícil arranjar alojamento, em Luso, durante o período estival. A título de exemplo, após o 25 de Abril de 1974, “em 1976 houve um número de utentes no sector termal, que passou de 1.765 para 2.380” (*Sociedade*, 2002: 64) e, em 1982, a época termal “terminou com 3.247 aquistas” (*Sociedade*, 2002: 65). Entre outras medidas mediáticas, em 1994 a Água de Luso associou-se “ao concurso de beleza – Miss Portugal” (*Sociedade*, 2002: 69).

No que respeita aos mais recentes dados de ocupação, segundo informações recolhidas na fonte, em 2019 o Spa recebeu 5.235 utilizadores, e o Turismo Termal 619. Em 2020, dadas as restrições impostas pela COVID-19, e algum receio a ela associado, o Spa recebeu 2.274 utilizadores e as Termas 192. Em 2021, o Spa recebeu 2.746 utilizadores e os aquistas foram 330. No trabalho de campo, e como aquista também, assisti, desde que começou o Spa Médico, em 2010, a um progressivo abandono destas termas, especialmente pelos aquistas mais antigos, anteriormente habituados a escolher os profissionais com quem queriam fazer os seus tratamentos.

Os gestores de então começaram a funcionar com uma lógica de mercado, e muitos dos melhores profissionais, de acordo com as ordens recebidas, eram “desviados” para o Spa, apesar de muitos deles, por iniciativa própria, tentarem encontrar algum equilíbrio para agradar aos dois tipos de clientes. Apesar disso, como resultado deste tipo de gestão, muitos desses aquistas abandonaram as termas.

Contudo, desde que a Malo abandonou o projecto, a actual direcção tem tentado de novo trazer gradualmente alguns desses hábitos, muitas vezes com a ajuda dos

⁹ Este Lago é, na realidade, uma albufeira, onde “desaguam” muitas das linhas de água da Vila. Quando esta albufeira está cheia, a água é libertada para irrigar os campos agrícolas à volta de Luso. Estes terrenos agrícolas, dada a mancha florestal da região, têm, ajudado a proteger a Mata e a Vila, na época dos incêndios, servindo como corta-fogos.

excelentes profissionais, que acompanham os aquistas há já algumas décadas. Mesmo os profissionais mais novos, igualmente empenhados e eficientes, merecem reconhecimento e condições estáveis de trabalho, de modo a que a sua proficiência e gosto continue elevada.

Na realidade, na linha da frente de todos os estabelecimentos termais, é aos aquistas que se deve dar também relevo, visto que foram eles que ajudaram a consolidar estes espaços. E a Mãe Natureza, que se manifestou de forma tão benéfica neste lugar, não distinguiu entre ricos e pobres, novos ou velhos, pois foi com todos generosa. De recordar ainda que as Termas são protegidas, há décadas, pela Leis Portuguesas.

No início de 2022, é lançado um folheto turístico, “Município Mealhada”, com um mapa que abrange esta cidade, o Luso e o Bussaco, havendo mesmo nele uma pequena referência ao Caminho de Santiago, e onde as “4 maravilhas da mesa da Mealhada e a Gastronomia” são postas em relevo: o vinho espumante e não espumante, o leitão, o pão e, como é evidente, a Água de Luso. A Vila de Luso está situada no sopé do *Sacromonte do Bussaco* e da sua Mata. No passado, estas duas zonas estiveram ligadas sob a forma de “Junta de Turismo Luso- Bussaco”, que se estendeu de 1980 a 2008, altura em que uma nova divisão turística foi desenhada pelo Turismo de Portugal, que fez desaparecer esta e outras “marcas” turísticas, integrando-as em conceitos mais vastos. Actualmente, esta zona faz parte da Região de Turismo do Centro. Esperemos que, entre outros, o Turismo Termal possa vir a crescer de mãos dadas com o Spa, e que para isso os nossos itinerários ajudem igualmente a desenvolver a região.

5. O SACROMONTE DO BUSSACO – HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

“Era único em Portugal este mosteiro de *deserto*. Em quanto que na Hespanha se fundaram semelhantes os de Bolarque, Batuecas, Las Nieves e Cardona; em Portugal se construiu apenas o do Bussaco.”

(Castro, 2010: 41)

“Por muito gratos aos sentidos que sejam os arredores do Buçaco: o Luso, com as suas águas e a sua calma pintada de branco, a deliciosa Cúria, com o seu parque de um género bem diverso, todo ele parado, datado, burguês, sereno e rico [...] com digníssimas personagens de eterna meia-idade, digerindo, meditando e fazendo horas para as termas [...] e até com «boîtes», até com uma piscina [...] não há ainda nada por ali que valha o Buçaco, a sua Cruz Alta, as suas miragens, os ecos dos seus frades há trezentos anos mortos, as suas humildes pedrinhas pacientes que tanto alegram o olhar do viandante pacato. E as ossadas manuelinas formidáveis, sempre inesperadas, adoráveis, do Palace-Convento [...]. Não, decididamente alguém tem de vir contar-nos ainda as lendas por acordar da floresta murmurante do Buçaco!”

(Rodrigues, 1963.: 106).

Concebido em 1620, data de 1626 o início da edificação do *conjunto monumental* do Buçaco, tendo a sua construção terminado no final do século XVII. Actualmente, o Convento e a Igreja de Santa Cruz dos Carmelitas Descalços quase passam despercebidos, “ocultos” pelo fulgor do *Palace* do Bussaco, um edifício neo-manuelino erguido em finais do século XIX, no local onde estavam muitas das dependências do Convento Carmelita.

Do Convento apenas restam a Igreja e algumas celas. Contudo, escondido entre as gigantescas árvores do Bussaco, a imponência do *Sacromonte* ainda se mantém. O Convento foi sempre habitado pelos membros da Ordem até 1860, data em que morrem os últimos frades, autorizados a permanecer no espaço religioso, apesar da extinção das Ordens Religiosas, em 1834, decretada por Joaquim António de Aguiar. Quando morre o último monge, e após alguns normativos, o Bussaco fará parte das Matas Nacionais até 2009, data em que a *Fundação Mata do Bussaco* começou a gerir o seu espaço.

O perímetro da *cerca*/muro que rodeia a Mata tem 5km, tendo-se acesso ao seu interior através de Portas. Inicialmente, as portas da “cerca” eram duas, a de Coimbra e a de Sulla, que se encontram posicionadas em lados opostos. A terceira, chamada porta da Rainha (alusiva a D. Catarina de Bragança, após divórcio com Carlos II de Inglaterra) também chamada porta D` El-Rei (D. Pedro II), permaneceu sempre fechada (os Descalços conservavam-na normalmente entaipada) até à passagem de D. Maria II pelo Buçaco, em 1852. A Rainha D. Maria Pia de Sabóia (1862-1889), mulher do Rei D. Luís, será outra das ilustres viajantes que franqueará, em 1877, as Portas do Bussaco (Castro, 2010: 120-125). A última rainha consorte de Portugal (1886-1908), D. Amélia d’Orleans, também foi uma visitante do Bussaco, tal como o seu filho e último rei, D. Manuel II.

A partir da extinção das Ordens Religiosas, e com a incorporação do Bussaco nos bens do Estado, foram-se abrindo novas portas. Actualmente as Portas da *cerca* são as seguintes: a de S. João, a do Serpa, a da Rainha, a de Sula (ou Sulla, visto que aparecem as duas grafias), a da Cruz Alta, a de Coimbra, a das Lapas, a das Ameias, a de Luso.

A Serra do Buçaco foi ocupada durante a terceira Invasão Francesa. A 27 de Setembro de 1810, perto da Mata, o exército francês, chefiado pelo Marechal Masséna, foi derrotados pelo exército Luso-Britânico, com a colaboração dos Hussardos da King`s German Legion do Leitorado de Hannover. O comandante das tropas foi o General irlandês Wellington (Leitão, 2016). Como refere o historiador francês Bouchot: “Wellington devint tout d`un coup le héros de l`Europe” (*apud* Castro, 2010: 215).

Sobre esta contenda, Castro releva no seu *Guia Histórico* as “Notícias e reflexões acerca da batalha do Bussaco escriptas pela Duquesa de Abrantes”, **Laura Junot**. Algumas cartas do próprio Marechal Junot, que integrava as tropas comandadas por Masséna (1810), integram as “Mémoires” (1834) da esposa do viajante/invasor. Nesta obra, a Serra do Buçaco é descrita como uma “montagne fort élevée, au sommet de laquelle est situé le couvent de Bussaco, habité par des religieux trappistes”, constituída por “profonds précipices et des defilés [...] étroits” (*apud* Castro, 2010: 207-212).

Localizada fora dos muros do *Deserto*, a **Capela do Encarnadouro** foi convertida (1859) em monumento comemorativo da Batalha do Bussaco. O Museu Militar do Buçaco (junto da Porta da Rainha), com um centro interpretativo desta batalha, encontra-se adjacente à Capela. Esta foi benzida *sob a invocação de N.ª Snrª da Victoria e Almas*, a 27 de Setembro de 1876. Actualmente ainda se realiza, a 27 de Setembro, uma romaria em memória da vitória alcançada sobre os franceses. De realçar, tal como rezam os documentos e os testemunhos da época, que os monges carmelitas trataram e cuidaram nesta Capela, que serviu de “Hospital de Sangue”, quer os combatentes luso-ingleses quer os franceses, protegendo, deste modo, os sessenta franceses feridos da fúria popular e da fome.

Em 1873, foi erigido, fora da *cerca*, o **Obelisco**, ou seja, um “padrão”, em forma de “pyramide”, com “seis metros de altura”, comemorativo da “Victoria” sobre os franceses, edificado entre as Portas de Sulla e da Rainha (reedificado em 1879) (Castro, 2010: 147-149 e 151). Todos estes elementos históricos adquirem especial relevo na Literatura e na Pintura do século XIX a XXI.

O interesse da família real por esta zona desperta quando a rainha D. Maria II, acompanhada pelo seu marido, o rei-consorte D. Fernando (II) de Saxe Coburgo-Gotta (1816-1885), e pelos infantes D. Pedro e D. Luís, visitam a Mata. D. Fernando II apaixonou-se imediatamente pelo *Deserto Carmelita*, mas dado que já havia comprado o Convento dos Jerónimos, em Sintra (que fará parte do Palácio da Pena¹⁰), abandona o propósito de recuperação do Convento (Castro, 2010). Este projecto virá a ser retomado posteriormente pelo Rei D. Luís I e por D. Maria Pia, que pensará transformar o Bussaco numa Quinta Real¹¹. A Rainha esteve no Bussaco com os seus dois filhos, os príncipes D. Carlos e D. Afonso, “desde 6 até 20 de agosto de 1877” (Castro, 2010: 125). Em 1905 e 1906, esteve novamente no então designado Grande Hotel da Mata, fazendo vários passeios pela região (Reis, 2011).

Contudo, é graças à iniciativa do Conselheiro Navarro e aos projectos do arquitecto italiano Luigi Manini, que trabalhará com os seus homólogos Nicola Bigaglia, Manuel Norte Júnior e José Alexandre Soares, que se executará a construção dos “Anexos do convento” (Castro, 2010: 58-59). Grande parte do Convento será demolido, restando do edifício principal apenas a Igreja de Santa Cruz e algumas celas. Desses *anexos* surgirão não um *pavilhão de caça* para o malgrado rei D. Carlos I, que nunca o habitará, mas o *Palace* do Bussaco, transformado posteriormente em Hotel de luxo.

Com um interior riquíssimo em mobiliário e pintura, no exterior, onde “sobresaem formosíssimos labores de estylo gothico e do chamado manoelino” (Castro, 2010: 59), ressaltam os painéis de azulejos azuis e brancos, da autoria do pintor, ceramista e intelectual português Jorge Colaço (1868-1942), que “narram” episódios do poema épico *Os Lusíadas*, de Luís de Camões (c. 1542- c. 1580), ou alguns dos Autos do dramaturgo Gil Vicente (c. 1465 – c. 1536).

Deste modo, a Mata do Bussaco, para além da sua flora e fauna de relevo, é constituído por um conjunto de edifícios de grande qualidade arquitectónica (Gomes, 2005; Santos, 2002). Um é o *Palace* do Bussaco, edificado no último quartel do século XIX. O outro é o *Deserto* dos Carmelitas Descalços, cujo nome deriva do facto de que os Monges, que o habitaram do século XVII ao XIX, viverem uma vida monástica semelhante à dos *Eremitas do Deserto* do início do Cristianismo. Foi fundado pelos Frades Carmelitas Tomás de S. Cirilo, João Baptista e Alberto da Virgem (Gomes, 2005: 1416). É constituído pela Convento e Igreja de Santa Cruz, bem como pelas Capelas e Ermitérios (*ermidas de habitação ou de penitência* e *ermidas de devoção*) localizados na Mata.

¹⁰ O espaço florestal que rodeia o Palácio da Pena, em Sintra, mandado construir pelo rei-consorte, com a sua enorme diversidade botânica, teve como inspiração a Mata do Bussaco.

¹¹ Por vezes, encontramos a versão histórica que seria apenas um pavilhão de caça para o rei D. Carlos. Outra das versões, como veremos, será a de um “Palácio do Povo”. Estas diferentes designações devem-se, em parte, ao facto da Coroa portuguesa estar em graves dificuldades financeiras, apesar das suas colónias, e o Bussaco ser visto como um projecto muito dispendioso para a época.

A Mata possui também uma *Via Sacra*, “única no mundo, pela sua extensão e envolvimento paisagístico” (Gomes, 2005: 7677), composta pelos *Passos da Prisão de Cristo*, que vão do Orto de Getsemani e a sua condenação no *Pretório* de Pilatos, e os *Passos da Paixão de Cristo*, que vão do Pretório ao Calvário, este último culminando “a Via Dolorosa do *Deserto*” (Gomes, 2005: 7677).

Duas destas ermidas, a que representa a “Varanda do Pretório (ou de Pilatos) e o Calvário, são tão interessantes do ponto de vista da arquitectura, que singularizam o Buçaco não só entre os conjuntos arquitectónicos carmelitas como muitos dos Sacromontes existentes na Europa e na América”, onde se pode destacar “como traço muito especial” “a arquitectura de algumas estações”, com “*elementos singulares e inéditos en otros sacromontes*: arcos, escadarias, torres e capelas, como as do Calvário e de Pilatos” (*apud* Gomes, 2005: 0607 e 7677).

No ponto mais alto deste *mons sacro*, com 547m de altura, encontra-se “o baluarte da **Cruz Alta**”, “símbolo por excelência do *Deserto*: a *Santa Cruz* – que é também o símbolo dos Carmelitas Descalços”, colocada ali por Manuel Saldanha, em 1648 (Gomes, 2005: 7273), destruída posteriormente, será “reconstruída pelo governo civil de Coimbra, em 1841” (Simões, 2002: 17).

No que respeita à arquitectura dos Carmelitas do Bussaco, o *Sacromonte* foi instalado em duas fases, e não apenas uma, como era habitual noutras partes do mundo, correspondentes a dois programas arquitectónicos distintos: a primeira, iniciada em 1620, a segunda, em 1690. Na primeira fase, foram construídos as *ermidas de habitação* e o Convento, constituindo assim o que se chamava na época um *Deserto*. Na fase seguinte, foi acrescentado um *Sacromonte*, “um conjunto de pequenos edifícios e ermidas que são como um «parque temático cristão», simbolizando a cidade de Jerusalém, palco do martírio de Cristo” (Gomes, 2005: 0607).

Os Carmelitas defendiam que a sua Ordem tinha sido a primeira a ser criada, e que desta forma voltariam às suas raízes, o Monte Carmelo, situado na Palestina bíblica. Uma pintura, no interior da Igreja do Convento, revela a forma como essa “reprodução” da Cidade Santa e do seu emblemático Monte foram recriados no Bussaco. O Convento, com os seus pátios e celas, tem a Igreja situada no seu interior, entre quatro pátios, que formam como que um claustro. Esta Igreja, tem uma disposição central única em Portugal, mas é análoga à de Batuecas, em Espanha, país onde apareceram os primeiros *Santos Desertos* ibéricos¹², como eram denominados pelos Descalços. A Igreja, com esta disposição central, simbolizará o mítico Templo de Salomão, em Jerusalém (Gomes, 2005).

As paredes do Convento (tal como a de algumas das *ermidas de habitação*) estão revestidas de cortiça (retirada dos sobreiros que abundavam na Mata), de *embrechados* e de *pedra talhada ao picão*. Os *embrechados* - tal como as conchas e pedras usadas em certas grutas, juntamente com a água das fontes e dos lagos - para além de decorativos, estabeleciam “uma espécie de ligação de sentido, de ponte semântica, entre a natureza e a arquitectura, participando ao mesmo tempo de ambas” (Gomes, 2005: 5252).

¹² Os primeiros *Desertos* dos Descalços aparecem em Itália, no século XV (o primeiro em Varallo, em 1480) e são considerados os mais importantes, no que respeita aos de outras Ordens, como os dos Cartuchos, os dos Frades Menores ou os dos Agostinho (Gomes, 2005).

Os Carmelitas e os seus *poderosos patronos da aristocracia de Coimbra*, como o Reitor da Universidade de Coimbra, D. Manuel Saldanha, iniciam, a partir de 1643, a mudança de vocação deste espaço. Inicialmente dedicado ao mundo interior, volta-se, a partir daí, para o mundo exterior. Este projecto foi *desenvolvido, precisado e concluído* pelo Bispo-Conde de Coimbra, D. João de Melo, no final século XVII (1694), nomeadamente as capelas da *Via Crucis*, que vão do Horto da Prisão ao Calvário (Gomes, 2005). A ideia inicial, no entanto, deve-se ao seu antecessor, que já havia iniciado a construção de uma Via Sacra, em 1644. Os Passos desta, posteriormente substituídos pelas actuais capelas por D. João, eram assinalados apenas por uma cruz em pau-brasil.

Com as suas capelas e outros marcos distintivos, a *Via Sacra* do Buçaco contém 20 Passos, que passamos a enumerar. Nos *Passos da Prisão* de Cristo, encontramos: o Passo do Horto, o Passo da Prisão, o Passo de Cedron, o Passo de Anás, o Passo de Caifás o Passo de Herodes e o Passo do Pretório. Nos *Passos da Paixão*, encontramos: o Passo da Cruz às Costas, o Passo da Primeira Queda, o Passo do Encontro com Maria, o Passo de Cireneu, o Passo da Verónica, o Passo da Segunda Queda, o Passo das Filhas de Jerusalém, o Passo da Terceira Queda, o Passo do Despojamento das Vestes, o Passo em que Pregaram Jesus na Cruz, o Passo em Desceram Jesus da Cruz e o Passo do Sepulcro.

Encimando cada Passo, encontram-se inscrições em caracteres góticos gravadas em lápides de pedra, com a respectiva narrativa. Nas capelas dos *Passos da Prisão*, inicialmente com pinturas, substituídas posteriormente por D. António Vasconcellos e Sousa (Bispo de Coimbra de 1706 a 1717) por “imagens em vulto” (Simões, 2002: 17), encontram-se figuras esculpidas em terracota, de inícios do século XX, recentemente atribuídas ao ceramista Costa Motta Sobrinho¹³, dado que as originais, do século XVIII, foram destruídas¹⁴. As capelas dos *Passos da Prisão* encontram-se vazias. Os percursos pedestres podem ser feitos aleatoriamente ou seguindo os Passos da Via Sacra, com as suas capelas e ermidas.

Por vezes, sobretudo na Páscoa ou antes do Natal, os Descalços viviam fora do Convento, em recolhimento e pobremente, nos ermitérios espalhados pela Mata. Alguns destes ermitérios estão em grutas, que de uma forma geral são cobertos de cortiça, como no Convento. As inscrições de outras ermidas na Mata invocam os Santos ermitas, como S. João Baptista, Santo Antão ou S. Silvestre. Outras Capelas invocam personalidade relacionadas com a Ordem Carmelita: St. Elias, visto que os Carmelitas defendiam, algo paradoxalmente, que a sua origem era “anterior à Encarnação” de Cristo (Gomes, 2005: 4041); Santa Teresa de Ávila ou S. João da Cruz, os dois últimos

¹³ Durante anos, estas esculturas foram atribuídas aos ceramistas Costa Motta, Tio e Sobrinho, e teriam sido realizadas em finais do século XIX e inícios do XX. Daí as referência aos dois escultores, nalguns dos textos literários. Pinheiro Chagas, em 1867, não refere na obra que aqui apresentamos o nome dos escultores, mas descreve a capela com “o vulto de Cristo” e um “Pilatos de turbante”. Fica aqui a dúvida, sobre quem foi o executor desta obra: ainda fará parte das esculturas atribuídas a Machado de Castro, ou será de algum dos outros dois escultores?

¹⁴ Existem duas versões: ou foram destruídas durante a Invasão Francesa de 1810, ou pela população, após a abertura da Mata, em 1834. Algumas dessas esculturas teriam sido feitas pelo escultor Machado de Castro (1731-1822) e duas delas encontram-se em Coimbra, no Museu com o mesmo nome do escultor. No século XIX, Emídio Navarro encomendou novas esculturas a Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), mas como eram de dimensões muito pequenas, encontram-se actualmente no Museu de José Malhoa (Caldas da Rainha).

re-fundadores da Ordem, no século XVI. Muitas destas capelas e ermidas foram mandadas construir por particulares, religiosos e nobres (Simões, 2002).

O bosque sagrado, símbolo de paz e tranquilidade, da mãe Natureza benfazeja, da espiritualidade que a solidão e a contemplação trazem a religiosos ou laicos, é também o local onde havia sido proibido apanhar lenha sem autorização, cortar ou danificar árvores, sendo excomungado o infractor, por bula papal de Urbano VIII, em 1643. De entre a grande variedade de flora que habita o Bussaco destaca-se o cedro, “por sua corpulência e formosura” (Castro, 2010: 75). Árvore sagrada por excelência, pela carga simbólico-religiosa que encerra desde o Antigo Testamento, o cedro do Bussaco, o *Cupressus Lusitanica Miller* “é tão semelhante ao cipreste do Líbano que alguns botânicos os têm confundido” (Castro, 2010: 75).

É ao bispo-conde de Coimbra, D. João de Mello, que se deve, no século XVII, a transfiguração deste *monte-com-cedros* em *mons sacrum*: “um monte natural que podia ser vertido em monte artificial, um monte que a plantação de cedros podia sacralizar” (Gomes, 2005: 6061). Segundo Simões (2002), estes cedros gigantes teriam vindo dos Açores (embora há também quem defenda que vieram de Goa, sendo uma espécie originária do México e da Guatemala) visto não serem árvores autóctones, e teriam sido inicialmente mandados plantar por D. Manuel Saldanha, antecessor de D. João, junto à Ermida de S. José, que D. Manuel manda edificar em 1643, e onde se encontra o cedro mais antigo da Mata, plantado entre 1628 e 1650, o *Cedro de S. José*.

Também os carvalhos, os sobreiros, os castanheiros, os pinheiros, as sequóias, as araucárias, as azinheiras, os eucaliptos australianos, as cameleiras, os fetos gigantes (que encontramos no *Vale dos Fetos*, cujo arruamento foi construído entre 1887-88, tal como o Lago Grande), a pseudotsuga, a ginko biloba, as magnólias, as hortênsias e outras flores, como as que se encontram no *Jardim Novo* (de estilo neo-clássico, que contrasta com o bosque sagrado, é uma área ajardinada que data de 1886-87, e que se situa à volta do Convento e do *Palace*) e outras espécies fazem parte deste cenário, onde a abundância da água, que se encontra em muitas fontes (como a Fonte Fria ou a de S. Silvestre) proporcionou o crescimento desta rica biodiversidade de árvores e outras plantas, estando avaliadas cerca de 700 espécies diferentes. Também a biodiversidade da fauna, entre vertebrados e invertebrados, é riquíssima.

Uma outra Bula papal (1622), à semelhança da afixada numa lápide na Portaria da Mata/Portas de Coimbra, a de Gregório XV, excomungava e condenava as mulheres *de qualquer estado, ou condição que sejam*, que entrassem no espaço de clausura, de *Oração e Contemplação*, do Buçaco ou de outras *Cazas de Ermo* (Castro, 2010).

O Bussaco é também o local onde o silêncio, “quasi absoluto, era um dos preceitos impostos pelas *Constituições dos Carmelitas Descalços* aos religiosos” (Castro, 2010: 206). Actualmente, ainda podemos desfrutar desse silêncio, apenas quebrado pela passagem de algum grupo de turistas, normalmente pequeno, especialmente na *Via Sacra*. Este é igualmente o local onde, dado os regulamentos internos muito severos, os estrangeiros só entravam com autorização do Geral da Ordem (Link *apud* Castro, 2010). O ar puro do Buçaco também contraria a poluição das cidades, e permite ouvir as numerosas espécies de aves, diurnas e nocturnas.

Desde a criação da *Fundação Mata do Bussaco* tem-se tentado recuperar e desenvolver, para além do turismo religioso - relacionado com a *Romaria da Quinta-feira da Ascensão* ou com o período da Páscoa, através da recriação ou da participação

na *Via Sacra* (Leitão, 2012) - um turismo de natureza, explorando as belezas da flora e da fauna da Mata, com observação de morcegos ou de certas espécies de aves.

Contudo, no que respeita aos habitantes da Vila de Luso e de outras freguesias do Concelho da Mealhada ou de outros concelhos (como Mortágua ou Penacova), o seu vínculo com a Mata sagrada sempre se manifestou na *Quinta-Feira da Ascensão* de Cristo (designado *Dia da Espiga*, em Portugal), altura em que, após as celebrações religiosas matinais nas respectivas igrejas paroquiais (em Luso na Igreja de Nossa Senhora da Natividade, após a Procissão, seguida da Benção dos Campos e da Missa das Flores), as populações dirigem-se em romaria, a *Romaria da Ascensão*, à Igreja de Santa Cruz do Bussaco e à sua Mata, nela fazendo também pic-nics, respeitando uma tradição secular. A Igreja possuía, numa das suas capelas, uma pintura da *Sagrada Família*, representando Nossa Senhora a amamentar Jesus. Esta era conhecida como a Virgem do Leite, a quem se atribuía muitos milagres sendo, assim, fruto de grande devoção.

A *Fundação Mata do Bussaco* promove desde 2019 a *Grande Rota do Bussaco, Encontro na Mata (GR 49)*, em conjunto com os Municípios da Mealhada, Penacova e Mortágua, e com o apoio do Turismo do Centro. Esta *Rota* sugere um Turismo de Natureza (mais em relevo) e Cultural, mas não sugere qualquer forma de Turismo Literário nesta região.

Ao contrário do Sacromonte, da sua *Via Sacra*, da Mata, ou mesmo do Convento de Santa Cruz, o *Palace Hotel* foi sempre, de uma forma geral, o local mais procurado, sobretudo pela maioria dos excursionistas, ao longo do tempo. Por isso nos interessou saber o que pensariam deste lugar, simultaneamente sagrado e profano, os *viajantes cultos*¹⁵.

6. OS INTELLECTUAIS

6.1. Os pintores

“O Buçaco é um altar da natureza”

(Peixoto, *apud* Melo, *Buçaco e os Seus Horizontes*)

Apesar de não podermos dar conta de toda a investigação realizada, dada os limites impostos pela edição, introduzimos aqui um brevíssimo levantamento de alguns dos intelectuais que pintaram ou escreveram sobre o Luso e o Bussaco, para melhor expressar como algumas das temáticas abordadas (a Mata e o tipo de fauna, flora, o Convento e a vida religiosa, as Invasões Francesas e o monumento evocativo da Batalha do Bussaco de 1810, o *Palace*, as águas termais, as fontes ou o tipo de visitantes) se entrecruzam, no passado e no presente.

Em relação aos pintores destaca-se, no século XVII, Josepha de Ayala Figueira / **Josefa de Óbidos** (1630-1684), que pinta, para a Igreja de Santa Cruz do Convento do Bussaco, o quadro a óleo *A Sagrada Família* (1664), vulgarmente conhecido na região como a *Virgem do Leite*. Esta icónica representação atraiu, durante décadas, o ímpeto religioso dos fiéis. Os ex-votos a ela oferecidos, que repousavam no altar onde se

¹⁵ Sobre este conceito, veja-se Leal, 1999.

encontrava o quadro, eram e são ainda testemunho disso, apesar da tela ter ardido em 2015¹⁶. Essa devoção manifestava-se sobretudo no dia da *Romaria da Ascensão*.

Sobre esta famoso quadro e local, quase não referenciado nos livros de arte durante décadas, a escritora **Filomena Mónica** (1943-), a propósito do turismo religioso afirmará, em “Fátima Fora de Horas”: “À Senhora de Fátima prefiro [...] a Senhora do Leite, de Josefa de Óbidos, escondida numa capelinha, entre as árvores do Buçaco” (Mónica, 1996: 119).

Na transição do século XVIII para o XIX, algumas das pinturas de **Domingos António de Sequeira** (1768-1837) têm como motivo as invasões napoleónicas, nomeadamente a vitória, obtida a 27 Setembro de 1810, no Buçaco, expressas em obras como: *Alegoria à Aliança entre Portugal, Espanha e Inglaterra* (c. 1808-1813) ou *Apoteose de Lord Wellington* (c. de 1812) onde se vê, como fundo desta pintura, o “Templo da Glória e da Imortalidade” e à frente, em destaque, o Obelisco. Este Obelisco comemorativo encontra-se fora da *cerca*, junto à Porta de Sula, e é visitado geralmente, segundo o Posto de Turismo de Luso, por ingleses, franceses e espanhóis.

Em 1855, o romântico naturalista **João Cristino da Silva** (1829-1877) pinta nas zonas de Coimbra e Buçaco (Silveira, 2000). Dessa e de outras experiências posteriores surgirão as suas *Paisagens do Buçaco* (c. de 1860, 1862, 1863) e a *Porta da Rainha* (c. 1860). Inspira-se também no Deserto para fazer um conjunto de gravuras alusivas à *Serra e Mata do Buçaco* (c. 1860), à *Fonte de Santa Teresa, no Buçaco* (c. 1860) e à *Igreja do Convento do Buçaco* (c. 1860).

Na transição do século XIX para o XX, o pintor naturalista-realista **António Ramalho** (1859-1916), companheiro de trabalho dos escultores Costa Motta, Tio e Sobrinho, pinta, em 1904, o grande painel evocativo da *Batalha do Buçaco* para a “Sala da Guerra Peninsular” do Museu Militar (Lisboa). Ainda no reinado de D. Carlos, decora a monumental escadaria do *Palace* do Buçaco (1905/6). Data igualmente dessa altura a pintura *Mata do Buçaco* (1905) e a *Alegoria ao Buçaco*, destinada à renovação da decoração da Cervejaria Leão d’Ouro, em Lisboa.

6.2. Outros intelectuais – do século xvii à actualidade

“O Deserto carmelita português (...) foi o mais elaborado e o maior de todos os *Desertos* da ordem em todo o mundo.” (Gomes, 2005: 8687)

São múltiplos os escritores, jornalistas, figuras ilustres, que cruzaram estes locais e que dele deixaram testemunho. Em géneros heterogéneos, como a prosa ou o verso, com designações tão distintas como “Cartas”, “Notas”, “Recordações”, “Itinerário”, “Viagem”, “Guia”, “Memórias”, estes intelectuais legaram-nos um património literário que reflecte a sua passagem pelo Bussaco e alguns deles pelo Luso.

Mesmo os que tivessem um objectivo claramente expresso de falar do lugar, como é o caso dos *guias* de viagem, mais ou menos *disfarçados*, o seu valor estilístico é inestimável, pois em nada se comparam com a racionalidade dos actuais, onde a função informativa se sobrepõe a uma prosa mais poética, ou onde a “venda do produto” (no

¹⁶ Existe uma *Sagrada Família*, com a Virgem a amamentar Jesus, que se encontra na Igreja Matriz de Cascais, feita pela mesma autora, para o Convento das Carmelitas Descalças desta cidade.

caso, o turístico), inibe qualquer expressão emocional, mais enaltecedora ou mais crítica.

No século XVII, encontramos autores como: D^a Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644) e o seu poema “Soledades do Buçaco”; Duarte Ribeiro de Macedo (1618-1680) e o soneto “Ao Deserto do Bussaco”; Frei António das Chagas (1631-1682) e o soneto “Ao Bussaco penitente” (vide Castro, 2010). No poema “Soledades do Buçaco” (1634), a poetisa eternizará o bosque sagrado. Esta fidalga portuguesa, pela sua cultura, leva Filipe IV de Espanha (III de Portugal) a convidá-la para *Mestra* dos seus filhos (Leitão, Lopes, 1987).

No mesmo século, o Padre francês **François de Tour (?-?)** viajou por França, Espanha e Portugal, tendo resultado dessa viagem o seu *Itinerário em Portugal*, que decorrerá entre 1699 e 1700. Durante a sua estada em Coimbra, foi ao Bussaco, que considerou “um paraíso na terra”, um “sítio deleitoso” (Tours, 1989: 73). À data, o conjunto monumental já havia sido executado. Esclarece o frade que no “deserto” (“tão longe está dos povoados”, “erguido numa montanha muito elevada” onde gastou “mais de uma hora para lá chegar”) o “senhor bispo de Coimbra tem ali um eremitério um pouco maior que os outros, onde vem fazer os seus retiros” (1989: 73). Quanto ao espaço exterior, relata-nos que tem (1989: 73):

“uma cerca de uma légua de circuito e é murada” e “conquanto eles lhes chamam deserto é uma das mais agradáveis e encantadoras estâncias que se pode admirar, não havendo na cerca senão cedros, árvores de bálsamo, murtas e uma infinidade de árvores e ervas odoríferas, que dão gosto ver [...] Há, além disso, numerosas fontes e belíssimas cascatas naturais. Nesta cerca existem muitas ermidas onde os religiosos vão passando sozinhos, meses inteiros, havendo o cuidado de lhes levar tudo o que precisam.”

O franciscano faz igualmente uma descrição pormenorizada do interior desses espaços, por vezes habitados temporariamente pela aristocracia religiosa de Coimbra: “Estes eremitérios compõem-se de uma cela, de uma pequena capela e de uma cozinha, havendo também um jardimzinho com nascente. Têm uma sineta para chamar o confessor quando querem confessar-se” (1989:73). Este relato afigura-se-nos de vital importância, para podermos compreender e reconstituir historicamente a forma de vida eremítica destes monges e de quem procurava este espaço de recolhimento, ao mesmo tempo que nos ajuda, quando o visitamos, a podermos melhor senti-lo e visualizá-lo.

De referir que dois cientistas famosos, o botânico francês **Joseph Pitton de Tournefort** (1656-1708) e o alemão **Heinrich Friedrich Link** (1767-1851), visitaram igualmente o Bussaco, registando a sua experiência botânica. Tournefort visitou a Mata em 1689 e, tendo assinalado seis espécies arbóreas na Mata, referenciou a única espécie exótica na época, o *Cupressus Lusitanica Miller*. Dentro do *Grand Tour* com objectivos científicos, o alemão Link viajou em Portugal (1797-1799), acompanhado pelo mecenas desta viagem, o erudito Conde de Hoffmansagg (1766-1849), com o objectivo de estudar a flora portuguesa. Publicou a obra *Flore Portugaise*, em fascículos, entre 1809-1840. Nas suas *Notas de uma viagem a Portugal e através de Espanha e França*, refere a “Serra do Buçaco” e o “*Cupressus lusitanica L’Heritier*, “onde ainda é abundante na quinta dos monges” (Link, 2005: 235 e 189)¹⁷.

¹⁷ O *Cupressus Lusitanicus Miller*, corresponde à tradução portuguesa *Cedro do Bussaco*, visto que está referenciado desde o século XVII pelo botânico Tournefort. Entre os cedros introduzidos no século XIX temos o Cedro dos Himalaias, *Cedrus Deodara* (1878) e o Cedro do Atlas, *Cedrus Atlantica* (1866-67). Os nomes latinos e localização das árvores mais importantes encontram-se referenciados no *Mapa de*

No século XIX, o Príncipe polaco **Félix Lichnowsky** (1814-1848) relata a sua viagem na obra *Portugal, Recordações do Ano de 1842* (1ª ed. 1843, Mainz, Alemanha). Descreve¹⁸ a Mata do Bussaco e o seu Convento nestes termos (1946: 160 e 193-194):

“No mais remoto horizonte elevam-se os cabeços da Serra do Buçaco, sobre cujo flanco íngreme assenta o celebrado convento dos carmelitas [...] Estava aberta uma pequena porta [...] entrámos no bosque sagrado do Buçaco. Acredito haver eu colhido ali uma ideia completa dos bosques do Líbano. Ao longo de veredas tortuosas, interrompidas por torrentes que nasciam da montanha, caminhámos nós à sombra de cedros [...] de séculos de idade, os quais crescem aos milhares nesse abençoado canto da terra; seus elevados troncos são abraçados por espessa hera e os ramos vigorosos cobrem e protegem impenetráveis matas de louro; por entre as folhas aciculares dos cedros mistura-se a folhagem de plátanos gigantescos, de castanheiros, de nogueiras sempre verdes; vêem-se também muitos pinheiros marítimos, as coroas engraçadas dos pinheiros silvestres e os troncos espessos e nodosos dos sobreiros. Como neste santuário nunca penetrou o ferro de um machado [...] as novas plantas de todas aquelas espécies de árvores surgem de um solo fecundo, formando espessas matas ao pé desses antigos troncos, que magestosa e soberanamente elevam a grande altura a sua cabeça, por cima de nova geração. Isto tudo reunido numa vasta extensão, acusa necessariamente a mais profunda impressão; acredita-se que se está transportando aos antiquíssimos bosques do Oriente; o que é certo é que o parque ou cerca do Buçaco não tem outro na Europa que se lhe possa comparar.”

Após as considerações sobre as belezas do “bosque sagrado”, explica a razão da conservação da natureza, referindo a bula que proibia o abate de árvores. Refere ainda a proibição da entrada das mulheres no Convento. Sabemos pelo Príncipe que dos “16 carmelitas” que o habitavam, “3 ainda ali sobrevivem à abolição do seu convento” (1946: 193-194). Sentimos, pela falta de apreço e incompreensão que dedica aos monges sobreviventes (que, para ele, “divagam imbecilmente e com um olhar fixo no pátio devastado e coberto de erva”) da lei da extinção das Ordens Religiosas de 1834, ou ao convento em si - pois esperava que fosse “uma obra magistral de arquitectura” (1946: 194) - a desolação e tristeza que se havia apoderado do sacro lugar, outrora primorosamente cuidado pelos eremitas, apesar de terem escolhido a reclusão e a pobreza para aí viverem.

Percorre o claustro, referindo a cortiça que reveste o Convento, e não percebe o primoroso trabalho artesanal dos *embrechados* exteriores, que refere como um trabalho feito de “calhaus”. No Convento, visita igualmente o quarto onde Wellington pernoitou, na véspera de 27 de Setembro de 1810. Não refere a *Via Sacra*, mas caminha pelo lugar onde se deu o conflito, observando que “foi o campo de batalha europeu mais elevado e seguramente também o mais alcantilado” (1946: 195).

Descreve a paisagem que se avista da Cruz Alta, não resistindo, tal como outros turistas, ao fascínio do pôr-do-sol que daí se avista: “Nesse momento mergulhava o sol no mar, como se fora uma bola ardente, e, com a rápida transição própria dos climas meridionais, desapareciam apressadamente do círculo da nossa vista os objectos

Luso Buçaco, da antiga Junta de Turismo Luso-Buçaco O botânico Link, na sua viagem em 1798, refere-se ao “cipreste português” como “*Cupressus lusitanica l’Heritier*” e descreve-o como uma “árvore extraordinariamente bela”, o “alto cipreste piramidal”, que é mais pequeno nalgumas regiões do país mas onde ainda é abundante na quinta dos monges [Buçaco]”. O autor afirma ainda que quando viu o cipreste português o confundiu com os cedros do Líbano (Link, 2005: 189-190).

¹⁸ A transcrição e transcrições que se seguem, tal como a de outros autores e obras mais antigas, são feitas com a grafia da época.

remotos” (1946: 195-196). Despede-se com “um adeus ao Buçaco e aos seus cedros”, aproveitando para trazer “ramos de louro” e “conchas das grutas”. Compreendemos agora como as grutas artificiais do Bussaco, criadas pelos monges e revestidas barroca e simbolicamente de conchas, as foram perdendo, ao longo dos séculos.

No período romântico, e no de **transição** para o **Realismo/Naturalismo**, surgem ainda nomes como Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (*O Monge do Bussaco, episódio das invasões francesas, 1809-1810*, 1ª ed. 1867); Adrião Pereira Forjaz de Sampaio (*Memórias do Bussaco*, 1864); Augusto C. da Silva Matos e A. Lopes Mendes (*O Bussaco*, 1874) e Augusto Mendes Simões de Castro (*Guia Histórico do Viajante do Bussaco, Com Gravuras, 1875, Guia Histórico do Viajante do Bussaco, Com Estampas e um Mapa*, 1896, 3ª ed., 2010, *Elucidário do Viajante do Bussaco*, 1932, 3ª ed). Esta primeiras obras têm em comum o facto de descreverem, de forma poética e deslumbrada por vezes, mas muito detalhada, a História, a Arquitectura, a Escultura ou a Flora do espaço sagrado, visto que este só tinha sido aberto a visitantes laicos em 1834. Era necessário transmitir, a quem as lesse, uma ideia do lugar.

Frequentador do Luso-Bussaco, **Manuel Joaquim Pinheiro Chagas** (1842-1895), *oficial do exército, escritor e homem de Estado*, publicará *O Monge do Bussaco, episódio das invasões francesas, 1809-1810*, uma obra relacionada com este episódio histórico, mas em que o cenário do Bussaco e um frade carmelita assumem especial relevo, dado que ele é um dos que se compadece com um dos feridos franceses, um *oficial francês*, de cerca de *trinta anos*. Afirma o narrador (2015: 29 e 31):

“No dia 26 de Setembro de 1810, enchia um rumor desusado as solidões tranquilas do Bussaco. Essas alamedas sombrias, habitualmente percorridas apenas por monges melancólicos, viram tumultuar à sombra do seu arvoredado [...] turmas de soldados que se alinhavam junto dos muros da cerca [...] O bosque sagrado do Bussaco estava [...] cheio de bélicos rumores. O asilo da meditação fora profanado pelo demónio sanguinoso da guerra [...] À porta de uma dessas ermidas, onde alguns monges procuravam a solidão absoluta, sentava-se um frade, com a cabeça encostada às mãos [...] Mais abaixo, via-se a capela tosca, onde a piedade do arquitecto figurou o pretório de Jerusalém, e por uma aberta das folhas podia-se entrever o vulto de Cristo, e a figura grotesca de um Pilatos de turbante, que a indignação devota do escultor dotara de um nariz romano.”

Uma das obras mais importantes desta época, para a construção da imagem do Buçaco, onde este lugar é descrito na sua totalidade, é a de **Adrião Pereira Forjaz de Sampaio** (1810-1874), *Memórias do Bussaco, seguidas de Uma Viagem à Serra da Louzan*, que conheceu a sua terceira edição em 1864. Este é, quanto a nós, um “pré-guia” do Buçaco, antecipando a obra *O Bussaco* (1874) de Lopes e Mattos e o *Guia do Viajante do Bussaco*, de Castro (1875). As *Memórias*, expressas no tom romântico da época, aludem ou citam diversos escritores que, de alguma forma, são evocados segundo o tema que Sampaio está a tratar. Proporcionam igualmente informações históricas sobre a fundação do *Deserto*, a sua arquitectura e a vida dos Monges Carmelitas. Dão notícia do desterro dos Meninos de Palhavã (filhos de D. João V, desterrados no Bussaco pelo Marquês de Pombal) e da Batalha de 1810.

Por outro lado, dá-nos interessantes esclarecimentos sobre o formidável impacto da abertura do espaço religioso da Mata ao público, a partir de 1834. No momento em que a construção do *Palace* do Bussaco ainda não havia sido planeada, o escritor informa-nos que algumas capelas e celas dos monges eram ocupadas, durante os meses de Verão, pelas famílias em veraneio, informações que posteriormente serão confirmadas

pelos escritos de Ortigão ou Navarro, apesar de, no tempo deste último, já haver dois hotéis em Luso.

Este facto talvez se deva à inicial falta de equipamentos hoteleiros para receber aquistas e veraneantes, ou pelo fascínio de pernoitar no que outrora havia sido um espaço sagrado, algo muito actual, no que respeita a algumas *Pousadas* de Portugal ou a alguns *Paradores*, em Espanha. Apercebemo-nos igualmente, pela descrição de Sampaio, dos motivos do desenvolvimento da estância balnear e turística de Luso, nomeadamente graças à chegada do caminho-de-ferro à Mealhada. O escritor afirma na “Advertencia” que precede a terceira edição¹⁹ que (1864: V-VI):

“Quasi trinta annos, decorridos desde que o Bussaco foi devassado, nenhuma sensível mudança tem causado na geral admiração e interesse pela sagrada floresta, suas majestosas avenidas, frescas fontes e mysteriosos retiros. [...] Pelo contrario o desenvolvimento da povoação de Luso, com seus banhos e aguas salutaes; a doce frescura do bosque sagrado nos mais ardentes caniculares e sobretudo o desaparecimento das distancias entre as duas capitaeas do reino, e a proximidade da estação da Mialhada, não só continuam a fazer concorrer ali uma continuada romaria de visitantes, nacionaes e estrangeiros: senão que nos mezes de estio, não há cella ou antiga capella da matta que não abrigue uma famillia, mais ou menos numerosa. [...] Afora alguns cuidados pelas plantações, e melhoramentos de transito, que não compensam as infelizes alterações do austero aspecto do mosteiro, sacrificados aos commodos dos temporários habitadores, cremos não haver ahi mais do que fazer menção. [...] Praza á Providencia que a revolução operada pelo caminho de ferro, levando o Bussaco ás portas de Lisboa e do Porto, a elle convide a attenção, os cuidados, e o bom gosto de terras mais adiantadas; que poupando o antigo, disponha em harmonia com ele o muito do novo, que deverá torna-lo cada vez mais agradável, venerando, e ao mesmo tempo útil á pátria!”

Publicado em 1874, *O Bussaco* é uma obra conjunta de dois autores, **Augusto C. da Silva Mattos** (?-?), que o escreveu, e **A. Lopes Mendes** (?-?), que recolheu os dados. Os autores remetem, por vezes, à obra de Sampaio. Algo prospectivamente, Mendes afirma que “O Bussaco representa para Portugal uma veneranda trilogia: é um monumento da sua historia: um padrão da sua piedade, e uma promessa do seu futuro florestal.” (1874: XII- XIII). E acrescenta: “Descrever o Bussaco, vulgarisal-o, fazel-o apreciar e admirar mesmo dos que o não visitam, foi o fim que me propuz levantando plantas, tirando vistas, colligindo apontamentos, certo de que, mais tarde ou mais cedo, poderia pagar o tributo do entusiasmo e profunda admiração que a esta deliciosa estancia consagro [...] (1874: XIII).

Na realidade, um ano antes da publicação do *Guia Histórico*, esta obra será única no género, no que respeita às informações fornecidas, nomeadamente: esclarecimento sobre a “Serra” do Buçaco; as “Portas e Avenidas”; as “Comunicações interiores”; o “Monumento” à Batalha do Bussaco; o “Convento”; a “Via Sacra”; as “Ermidas; as “Fontes e Nascentes”; os “Banhos de Luzo”; a “Tabela de altitudes”; “a Synopse Historica”; a “Geologia e Flora Antiga”; a “Flora Moderna” (a partir de 1856); as “Notas” e o “Álbum do Bussaco” (onde o autor se refere, entre outras coisas, ao vandalismo a que estava a ser sujeito este espaço, como por exemplo o escrever nas paredes dos edifícios e nos troncos das árvores).

¹⁹ A primeira edição terá sido entre os anos de 1838 e 1839; a segunda é de 1850 e a terceira de 1864 (Santos, 2002: 46). As transcrições que se seguem estão de acordo com a grafia utilizada pelo autor, em 1864, visto que foi esta a obra que consultámos. Adoptámos o mesmo procedimento noutras transcrições que seguem, pois consultámos as obras da época.

Curiosamente, estes são dos raros autores que referem, na Igreja, a pintura de Josefa de Óbidos. No “Álbum” referido, “um livro dos visitantes”, que “pode legar ao futuro os pensamentos que lhe erradicaram da alma, em consequência das impressões do Bussaco”, aparecem nomes de intelectuais como os de “João de Lemos, Thomaz Ribeiro, Pinheiro Chagas, Moraes Soares e outros”. O livro era guardado pelo “administrador da matta e capelão do santuario” (Mattos, Mendes, 1874: 120).

O *Guia Histórico do Viajante do Bussaco, Com Estampas e um Mapa*, concebido por **Augusto Mendes Simões de Castro** (1845-1932), teve três edições²⁰. De entre o conjunto de poemas dedicados ao Bussaco, reunido por Castro no “Florilégio” que integra esta 1ª edição de 1875, destacam-se algumas poesias de autores dos séculos XVII e XIX. A integração de um mapa neste guia e na época é importantíssima, dada a vastidão da Mata e os seus diversos percursos. Mesmo na actualidade, apesar da recente sinalização e do mapa que a Fundação disponibiliza, há visitantes que ainda se perdem nos caminhos.

No “Florilégio” do *Guia* de 1896, encontramos, para além de poemas alusivos às Invasões Francesas e à Batalha do Bussaco, poesias sobre a Mata, em autores como Francisco Gomes de Amorim, cujo poema se inicia com “Ave, imagem de térreo paraíso”; de Amélia Janny, “Bussaco” (1875); de Cândido de Figueiredo, “Três Romeiros” (s.d.); de Borges de Figueiredo, a ode “O Bussaco” (1877); de Bingre (Hibinguer) o “Soneto” (s.d.); de Luís Carlos “No Bussaco”, 1862; do visconde e escritor António Feliciano de Castilho a ode “À Fonte Fria do Bussaco” (1875); de Soares dos Passos “O Bussaco” (s.d.); de Ayres de Sá Pereira, um poema ao Bussaco escrito em “Luso, 17 de Julho de 184...”; de João de Lemos “O Bussaco” (s.d.); de Mendes Leal, “Na Cruz Alta” (1870); de Roberth Southey a “Inscription for the Desert of Bussaco” (com a tradução de Cândido de Figueiredo “Inscrição para o Deserto do Bussaco”, de 1895); de Ramos-Coelho, “O Bussaco”.

O *Guia Histórico do Viajante do Bussaco* de 1875 terá sido útil para, entre outros, o catalão Lluís Vermell i Busquets, que se auto-intitulou de “Peregrino Español”, conhecer a região histórica da Beira (Centro de Portugal). Busquets foi pintor e escultor da Real Casa de S. Majestade, ao serviço do rei-consorte D. Fernando II, tendo vivido e trabalhado entre 1868 e 1881, em Portugal. Morrerá neste último ano, no Real Hospital de Santo António, no Porto. Está sepultado no cemitério de Agromonte, na mesma cidade²¹.

Tendo-se esgotado a 4ª edição do *Guia Histórico*, e estando em preparação a 5ª, o Dr. Simões de Castro resolve publicar, em 1932, a 3ª edição do *Elucidário do Viajante no Bussaco*, mais simples, mas com o mesmo propósito. Este será, como afirma na “Advertência indispensável para quem se tiver de servir deste livro”, para que “os visitantes do Buçaco possam ter um elucidário que os oriente no melhor modo de fazer

²⁰ É inicialmente publicado na Imprensa da Universidade de Coimbra. A segunda edição é de 1883; a terceira de 1896, tendo sido reeditada pela Câmara da Mealhada em 2010. Por comodidade, seguimos esta última edição. A quarta edição é do autor e é de 1908.

²¹ Segundo Eloy Martínez Lanza, da Real Academia de Bellas Artes de Granada, no artigo “Tras las Huellas de Lluís Vermell i Busquets”, ele teria falecido no Porto, em 1881, embora noutro artigo anterior “Lluís Vermell i Busquets (1814-1890), Pintor de Retratos en Miniatura”, tivesse defendido que a sua morte teria ocorrido em Barcelona, em 1890. A mulher do pintor, segundo a mesma fonte, esteve em tratamentos nas Termas das Caldas da Rainha, entre finais de 1867 e inícios de 1868.

a sua digressão pela pitoresca floresta e lhes indique o que há aqui e ali de mais notável” (1932: 5).

Do período do **Realismo/Naturalismo**, incluímos ainda textos de membros da *Geração de 70*, como Antero de Quental (*Cartas I*) e Ramalho Ortigão (*Banhos de Caldas e Águas Minerais*), ou dela coetâneos, como Emídio Navarro (*Quatro Dias na Serra da Estrela, Notas de um Passeio*).

O escritor e filósofo **Antero de Quental** (1842-1891) esteve no Luso-Buçaco, entre outros momentos, durante os meses de Agosto e Setembro de 1875. Em cartas escritas em Lisboa aos seus amigos, Germano Meireles (30 de Julho), Oliveira Martins (5 de Agosto) e Jaime Batalha Reis (5 de Agosto), respectivamente, dá-lhes indicações práticas para o poderem contactar, como nesta: “A direcção com que deve escrever-me é *Mealhada, Luso*” (1989: 306). À data, ainda não havia sido construído o posto dos Correios, só mandado edificar em 1884, por Navarro. Quental proporciona-nos uma ideia, algo irónica, das elites frequentadoras do lugar - “Aqui vêem-se doutores de Coimbra. São muito feios. Filhas e esposas idem” (1989: 305) – bem como os benefícios que a viagem e esta estada lhe podiam trazer para a sua saúde:

“Parto amanhã para o Buçaco (ou mais propriamente Luso) onde, a não haver novidade, conto demorar-me até fins de Setembro. Vamos a ver se esta mudança me ajuda o espírito a sair da espécie de caos nevoento no meio do qual barafusto há um certo tempo.[...] vou, nestes meses mais próximos, pôr de parte ideias que me preocupam e quase me atormentam [...] e deixar ao trabalho espontâneo e quase inconsciente do espírito a resolução das dúvidas que tanto me incomodam. Levo para o Buçaco o meu Plutarco e aquele eterno Homero [...] vamos ver se os oráculos antigos me dizem alguma palavra boa e inspiradora” (1989: 302).

Na carta datada 7 de Setembro, envia a Batalha Reis “2 sonetos feitos aqui”, o “Logos” e o “Quia Aeternus” (1989: 314-315), que viriam mais tarde a incorporar os seus *Sonetos*. Para além dos sonetos e das referências mais práticas, as missivas são essencialmente um misto de filosofia, metafísica, junto com reflexões éticas e morais, espelhando, deste modo, quer as recordações deste local provindas de outras suas estadas no passado, quer as inquietações com que então se debatia e os projectos em que estava envolvido.

José Duarte Ramalho Ortigão (1836-1915), com detalhe e por vezes com ironia, escreve, em 1875, os *Banhos de Caldas e Águas Minerais*, um tipo de guia das termas portuguesas, referindo o Luso e o Bussaco. Entre impressões e digressões diversificadas - sobre a “atmosfera”, “a célula”, as “burricadas”, as “distracções”, o mal-de siècle (o tédio) ou o “exercício, a “dieta”, a “higiene”, a “hypocondria”, estas últimas comportando uma forte componente Naturalista, de quem redescobre as virtudes da *mens sana in corpore sano*, típicas desta Geração - palmilhamos com o Autor o país, de Norte a Sul, e conhecemos através dele o seu património arquitectónico e histórico mais emblemático, ou os usos e costumes locais.

Percorremos com o Autor as “Águas das fontes”, as “Caldas” e os “Banhos” de Portugal Continental. A edição de 1875, no final, apresenta mesmo tabelas de horários de comboios, propaganda de águas minerais - como as de “Pedras Salgadas”, premiadas na “Exposição Universal de Vienna em 1873”, ou as de Vidago - e até refere o *Douro Ilustrado*. Afirma Ramalho, a propósito das “Águas do Luso”, que estas estão situadas a “16 ou 17 kilómetros de Coimbra”. Para Ortigão (1875: 56-57) as

“condições do logar e a extrema commodidade da comunicação com este sítio a pequena distancia do caminho de ferro [Mealhada], com uma bella estrada percorrida por dilligencias e *chars-à-bancs*, tornam o Luso uma das terras d'aguas mais concorridas. Tem dois hotéis regularmente montados, e magníficos passeios, entre os quaes o da serra do Bussaco [...] Luso compõe-se de tres agrupamentos de habitações: o Alto do Bodo, Luso de Além e Luso da Igreja”

Deste modo o escritor, após realçar as facilidades de acesso que o Luso já tinha nesse tempo, explica quer o desenvolvimento que o Luso conheceu, a partir de 1849, pela iniciativa do Dr. Costa Simões, quer as propriedades da sua água. Sobre o Bussaco, afirma que (1875.: 56-59):

“é hoje a mais nutrida floresta de Portugal; e para que a parte da serra em que ella existe seja o mais aprasivel tracto do solo portuguez basta a magestade das vegetações e a dos largos e incomparaveis pontos de vista, de cuja religiosa amplidão dizia Frei Bartholomeu dos Martyres: «Isto, irmãos meus, é já um conversar com Deus, uma prelibação da eternidade». Alem da grande obra da natureza, o Bussaco tem o seu interessante convento cheio de sombra, de recolhimento ascético, de antigos retratos de monges, de velhas legendas mysticas. [...] As cellas dos antigos solitarios são hoje habitadas durante a estação calmosa por alegres viajantes que ahi vão fazer a sua convalescença ou a sua villagiatura. Á noite chegam banhistas do Luso, organisam-se *soirées*, e na casa do Senhor – *Domus mea, domus orationis* – gira a walsa e dança-se o *cotillon*, que muitas vezes termina de madrugada”.

Faz um breve relato, sobre as “recordações” e sobre a “historia” do Bussaco “assignalada por muitas datas memoráveis”, desde as origens até 30 de Maio de 1834, altura em que o convento e a cerca foram “encorporados nos bens nacionaes e passaram depois para a administração geral das mattas do reino, datando d'esta ephoca todos os modernos trabalhos de sivicultura e de viação florestal” (1875: 59).

Ramalho não deixa de referir o episódio que marca de forma indelével a bondade dos “três varões de nome ignorado, beneméritos da humanidade e da civilização, “dois padres e um leigo”, durante a Batalha de 27 de Setembro, apesar do “risco das suas próprias vidas”. Afirma, deste modo, o escritor (1875: 59-60): “Nos fastos do heroismo nacional em lucta com a invasão napoleónica deve incluir-se esta pagina de ouro: «No convento do Bussaco sessenta francezes destroçados e feridos, foram defendidos da terrível cólera popular por três homens, nos quaes o burel do carmelita cobria corações em que pulsava o amor universal, fonte da eterna liberdade”.

Emídio Navarro (1844-1905) foi ministro, escritor e jornalista, fundador do jornal *Novidades* (1885). Como grande impulsor do Luso, a Vila dedicou-lhe uma avenida com o seu nome, onde figura, em cima de um pedestal, uma escultura com o seu busto. Coetâneo e amigo de muitos dos intelectuais da *Geração de 1870*, como Eça de Queirós (carta de Eça a Navarro, 2001: 169-170), era propósito seu criar uma “coisa nova, vida nova”, em Portugal (Monteiro, 2005: 40).

Em *Quatro Dias na Serra da Estrela, Notas de um Passeio* (1884), o Autor dedica os quatro primeiros capítulos ao Bussaco, iniciando o seu relato da seguinte forma: “ em Agosto [...] estava [...] muito bem repimpado n'uma poltrona feita de uma raiz enorme de pinheiro, na fonte do Carregal, na matta do Bussaco [...] cavaqueando com o [...] Silvestre de Lima”, que se encontrava ali “tanto para cumprir os seus deveres officiaes de velar pelo desenvolvimento da arboricultura [como superintendente supremo “das

mattas do reino”], como para tratar de uma bronchite chronica”[...] à sombra dos *cedros do Bussaco*” (1884: 33-35).

Nesta introdução, dá-nos assim conta de questões que se prendem com o mês onde é mais frequente a época termal no Luso; sobre os benefícios da sua água e clima, sobre o responsável pelo desenvolvimento e reflorestação de outras e desta Mata; sobre a origem das suas espécies, nomeadamente a das “respeitáveis matronas” - os cedros do Bussaco - cujo debate sobre a sua origem já acendia a comunidade científica da época, nomeadamente dos botânicos que a visitavam, nos seguintes termos (1884: 34).

“O famoso cedro do Bussaco, descripto e cantado em prosa e em verso como irmão e rival do cedro do Líbano, é tudo menos cedro. É um cypreste, *cupressus* [...] o *cupressus glauca*, também chamada *lusitanica* por não haver na Europa outro massiço d’aquellas arvores frondosas tão importante como o do Bussaco, e por ser de Portugal que ellas se espalharam por Hespanha, França e outros paizes. Para Portugal vieram não se sabe bem se de Gôa se dos Açores [...] Uma das dificuldades encontradas para saber a sua origem é que as «Chronicas» do Convento são muito escuras a respeito do caso e as investigações ulteriores nada apuraram. O mais seguro é dizer-se que veio não se sabe d’onde. Certo é que no Bussaco, vive como em terra que já é muito sua, com uma longa sucessão de gerações, todas em pé, o *cupressus lusitanica* ou cypreste lusitano.”

Já sobre a projecção da Mata afirma que (1884:36-37):

“O Bussaco é hoje frequentado por um grande numero de *touristes*²². O caminho de ferro passa no sopé da montanha, a oito ou dez minutos do entroncamento da Pampilhosa. Quem vae do sul para o norte, raro deixa de visitar a formosa matta [...] Junto do convento construiu-se, este anno, um *restaurant*. [...] Em Luzo há dois hotéis²³. [...] Do Luzo ao Bussaco vae-se perfeitamente a pé. É como quem vai da *baixa* ao passeio da Estrella. E para afastar a fadiga há o recurso aos burricos, que são aqui de raça menos fina, e muito mais malcreados, dos que os seus collegas de Cintra [...] ha no Bussaco e em Luzo colónias permanentes. O convento tem cazas que se alugam. Nunca ficam desoccupadas. Há famílias, que ali se demoram dois e três meses. A pureza do ar, e a frescura do arvoredado encantam e são de muito valor higienico. A bocca da noite, reúnem-se as famílias num grande *salão de baile*, ornamentado de cortiça, e dansa-se animadamente ao som de um piano, com grande escândalo do *Francisco* [...]”

Toda a obra é escrita com aquele sabor oitocentista, que reúne erudição (com alusões científicas e históricas) com o utilitário quotidiano. O Autor, apesar da ironia e da crítica construtiva revela, tal como os outros intelectuais, o amor pela Pátria portuguesa, espelhado no que dedicou ao Luso-Bussaco e à construção da sua imagem como destino turístico, não deixando, todavia, de se preocupar com o resto do País.

Nos séculos **XX** e **XXI**, surgem-nos nomes como C. Wissman (*Bussaco et ses Environs*) ; Joaquim Roque da Fonseca (*Portugal, Raíz de Turismo*); as jornalistas Ann Bridge e Susan Lowndes (*Duas inglesas em Portugal. Uma Viagem pelo País nos Anos 40*); o médico José Troncho de Melo (*Buçaco e os seus Horizontes*); a jornalista e escritora Suzanne Chantal (*Buçaco*); os escritores Manuel Tiago (*Até Amanhã, Camaradas*); Urbano Tavares Rodrigues (*De Florença a Nova Iorque*); José Saramago (*Portugal*); Miguel Torga (*Diário I*); António Tabucchi (*Afirma Pereira*); Patrícia Shultz (*1,000 Places to See Before you Die*). Mais recentemente, com pequenas *estórias*

²² Neologismo atribuído a Stendhal (1783-1842), cerca de 1840.

²³ Como esclarece Navarro (1884: 74), trata-se do *Hotel Serra* e do *Hotel Lusitano*.

infantis, uma edição de autora, Lurdes Réu de Carvalho (*Histórias daqui para o Balthasar saber*).

Em 1906, **C. Wissman** (?-?) publica *Bussaco et ses Environs*. Com descrições magníficas, dignas de um grande viajante, o narrador dedica catorze das dezanove páginas da obra ao Bussaco e, como forma de promover turisticamente o lugar, cita alguns dos viajantes ilustres que o visitaram. Sobre o Bussaco declara (1906 : 6):

“Approchant la plaine avec les stations de Luso et Pampilhosa apparaissent [...] surtout la végétation extraordinaire de la forêt de Bussaco, qui couvre tout le versant nordouest de la sierra de Alcoba, et se termine a la station thermale de Luso située ou pied de cette montagne . Or cette forêt est précisément le joyau incomparable, non seulement de cet endroit, mais du pays entier, voire même de cette partie de l’Europe, si on doit croire les botanistes et les savants, qui, de temps en temps, l’on visité [...] On croirait se trouver ici dans une de ces forêts majestueuses du Lyban, par le grand nombre des cèdres séculaires qui constituent par leurs dimensions colossales un des attraits principaux de ce bois [...]”

No início da obra deparamo-nos com a “Tarif” dos “Appartements”, dos “Bains”, das “Repas”, do *Palace* do Bussaco, e a indicação que “Lettres et télégrammes doivent être dirigés au gérant – Hotel Bussaco, Portugal.” (1906: 4). Já no final da obra, refere dois “Tour”, que podem ser feitos a partir do Buçaco ou do Luso, bem como a respectiva informação sobre os lugares aconselhados. O “Tour I”, de quatro dias, compreende “Oporto, Bussaco, Coimbra, Thomar, Lisbonne”. O “Tour II”, também de quatro dias, oferece como alternativa “Oporto, Bussaco, Coimbra, Leiria, Batalha, Alcobaça, Lisbonne”.

Os trajectos, para além do caminho-de-ferro, podem ser feitos de carro. A distância de carro, para ir da estação de Luso ao *Palace*, é de “30 minutes”. Os visitantes têm assegurado um “intérprete” e o “téléphone” do Hotel. Após apresentar o “Tour I” e o “Tour II”, com um mapa, somos informados que “Tous les renseignements concernant les facilités de transport, prix, combinaisons de routes, etc, sont fournis gratuitement par le Gérant de l’hôtel de Bussaco” (1906: 23).

Joaquim Roque da Fonseca (?-?) profere, em 7 de Abril de 1932, a palestra *Portugal, Raíz de Turismo*, presidida, entre outras entidades, pelo vice-presidente do Automóvel Club de Portugal. Esta conferência defende que “Portugal deve ser um grande paiz de turismo”, algo que, segundo o seu autor, “todos os portugueses devem crer! Crer para querer” visto que “Portugal é um dos paizes da Europa mais admiravelmente dotados para o desenvolvimento do turismo” (Fonseca, 1932:5), dadas as *Magníficas Qualidade do nosso Paiz*, as suas *Belezas Naturaes e Artísticas*, o seu *Clima*.

Fonseca faz um apanhado de Norte a Sul de cada província portuguesa e dos seus aspectos e lugares mais significativos. Sobre o Buçaco assevera (1932:13):

“Depois de uma excursão a Penacova, excursão de sonho! – dirigimo-nos ao Luso, estancia termal de águas superiores às de Evian, e logo ao Bussaco, uma das mais lindas coisas portuguesas, merecidamente celebrada perante a Natureza e a Historia [...] Floresta secular, notável pela exuberância e variedade dos seus arvoredos, pelas suas aguas abundantes e límpidas, pela melancolia do seu mosteiro humilde e das suas ermidas, pelo grandioso panorama de dilatados horizontes que se disfruta da sua Cruz Alta – O Bussaco, onde a água napoleónica quebrou as suas azas, é um oásis maravilhoso que apaixonou perdidamente quantos o conheceram!”. E acentua: o Bussaco “possue a meio da sua mata o Palace Hotel esplendido”

Na década de 40, encontramos duas inglesas a percorrer Portugal, que também referenciam o Bussaco. A primeira, **Ann Bridge** (1891-1974), arqueóloga, botânica amadora e escritora, é convidada, em 1947, a fazer um guia de Portugal, que estará na origem da obra *Duas inglesas em Portugal, Uma Viagem pelo País nos Anos 40*. A segunda colaboradora, **Susan Lowndes** (1907-1993), é escritora e jornalista, correspondente dos EUA, dirigirá em Portugal com o marido o jornal *Anglo-Portuguese*. Esclarece Ana Vicente que a Editora Evans “pretendia não um guia turístico tradicional, mas, antes, uma obra que conduzisse o leitor a locais menos conhecidos, a recantos encantadores fora dos circuitos habituais, sem, contudo, ignorar os monumentos mais significativos. A obra teria em mente leitores de cultura média e não apenas eruditos” (*apud* Bridge e Lowndes, 2009: 6).

Publicado em Inglaterra (1ªed. 1949), terá várias reedições nesse país. A obra apresenta uma visão muito particular de Portugal Continental e Insular (Madeira, Açores) nessa década. No final do guia/livro, encontramos ainda “Anexos de informações úteis”²⁴ e uma “Bibliografia”, onde as autoras basearam o seu estudo.

Com grata admiração pela decisão do papa, já Ann se referia, em carta a Susan, às “Portas de Coimbra” como o local onde se encontrava a Bula com a “ameaça de excomunhão” de Urbano VIII, para “qualquer pessoa que corte ou danifique as árvores do Bussaco” (2009: 6). As autoras voltarão no seu relato a essa informação, mas aludem igualmente à outra Bula papal, gravada no mesmo local, a de Gregório XV, que ironicamente consideram “muito mais normal”, pois seriam excomungadas e condenadas a “penalizações terríveis as mulheres que [entrassem] no espaço murado e [perturbassem] os eremitas” (2009: 215).

Sobre o enquadramento geográfico, afirmam as autoras (2009: 214): “A longa e estreita Serra do Buçaco, com vista para a planície inferior do Mondego, de um lado, e para a Serra do Caramulo, do outro, é particularmente notável por dois motivos: os ciprestes seculares, e a vitória do exército luso-inglês e do general irlandês Wellington sobre os Franceses, comandados por Massena.”

Estas informações serão relevante e ajudarão a construir a imagem turística deste lugar, sobretudo para os ingleses e franceses. Actualmente ainda ocorrem ao Buçaco, para ver o monumento ao exército luso-inglês e visitar a cela monacal onde o general irlandês dormiu, na véspera da batalha, situada no interior do Convento, bem como a “oliveira”, no exterior, onde prendeu o cavalo, também referida pelas autoras (2009: 215-216): “Para os ingleses, transmite uma certa emoção, as pequenas celas simples parecem aproximar-nos muito do grande comandante, tal como a antiga oliveira, que se ergue majestosa a meio do caminho e à qual esteve preso o cavalo do «valoroso e glorioso Duque de Wellington», para usarmos essa esplêndida expressão portuguesa”, que se encontra inscrita em mármore, na cela onde pernitoiu.

Referem ainda a dificuldade de identificar o campo de batalha, de acordo com o livro de “*Sir William Nepier*”, dadas “as recentes plantações agrícolas”, mas assinalam o “Moinho de Murray”, onde este “esteve escondido com os seus homens, tendo-os

²⁴ Com informações sobre Vistos, Moeda, Bancos, Rotas (aéreas, marítimas e terrestres - caminho-de-ferro), Transportes, Alfândega, Pensões de Lisboa, Hotéis no Estoril, Pensões no Estoril, Restaurantes, Salas de Chá, Clubes Nocturnos, Fado, Cinema, Teatros, Clubes e Institutos Britânicos, Lojas de Lisboa, Reparações, Língua, Clima, Estâncias Termiais, Golfe, Pesca, Ténis, Esqui, Pesca, Caça, Endereços Úteis, Escritórios de Companhias de Navegação e Aviação, Hotéis da Madeira, Periódico Inglês.

lançado, no momento decisivo, sobre o cume e produzido assim efeitos mortais”²⁵ (2009: 216). Uma das dificuldades actuais, como as de então, para visitar o campo de batalha (não alguns dos Moinhos de abrigo), para além dos obstáculos agrícola e florestal, é, como sabemos, o acidentado do terreno, facto que favoreceu o posicionamento das tropas luso-inglesas.

No que respeita à flora, informam-nos que no “meio da luxuriosa vegetação da floresta nativa de carvalhos, sobreiros²⁶ [...] mimosas e urzes”, encontram-se os “ciprestes do Bussaco”, “famosos para os botânicos e peritos em árvores”, que “são mais românticos do que qualquer batalha”, e cujo nome latino é “*Cupressus lusitanicus*”. De entre estes “ciprestes gloriosos”, “A maior destas árvores esplêndidas” tem “trinta e cinco metros de altura e um diâmetro de cinco metros”. Estas árvores “erguem-se bem acima do resto da floresta, como se fossem guarda-sóis verdes. No último século foram introduzidas muito mais árvores exóticas, nomeadamente algumas formas muito bonitas de eucaliptos” (2009: 216-217).

As narradoras chamam ainda a atenção para os famosos “caminhos” pedestres, “alguns dos quais feitos pelos monges, e outros mais recentes, serpenteiam por entre as encostas sombrias [...]”. Referem que: “a serra tem muita água e há fontes, charcos²⁷ e bancos à sombra... dificilmente seria possível estudar espécimes tão raras de árvores em condições tão idílicas” (2009: 216-217). Também mencionam o “hotel extremamente luxuoso, situado apenas a três quilómetros da estância termal do Luso [...] foi construído segundo o estilo manuelino do século XIX e revestido com azulejos horríveis”²⁸ (2009: 215). Embora o Mosteiro estivesse em restauro, a Igreja podia-se visitar. As inglesas terminam o seu relato, sugerindo que “Uma das muitas expedições que podem ser feitas a partir do Bussaco é ao Lorvão” (2009: 217).

Natural de Luso, **José Troncho de Melo** (?-?) destacou-se como médico fazendo estudos sobre a obesidade, um tipo de investigação rara no seu tempo. Actualmente, a casa que mandou edificar, **Miralinda**, encontra-se em ruínas. Foi médico-inspector da Emigração portuguesa, tendo sido um grande viajante (Melo, 1950). Embora possamos desconfiar do seu relato pois, como filho da terra, poderá ser tentado a enaltecê-las, a sua exposição desperta o nosso interesse, dado que profere esta conferência no Brasil e destina-a à “gente portuguesa e luso-brasileira”, “a todos os conterraneos e vizinhos que dali partiram e aqui [Brasil] vivem, labutando a bem de Portugal e do Brasil” (1950:19).

O médico faz uma descrição minuciosa do Bussaco, desde a sua História passada à recente, desde a sua localização geográfica – Beira Litoral – às referências a “um dos mais luxuosos hotéis do mundo, dotado de todos os requisitos modernos de bem servir e onde se vive uma quietude benfazeja, de encanto e de saúde”, transcrevendo o que o

²⁵ Curiosamente, não encontramos a referência a este moinho na informação que temos sobre a Batalha do Buçaco. Os mais famosos moinhos são os do posto de comando de Wellington e o “Moinho de Sula”, onde esteve o General Craufurd e onde ocorreu uma situação análoga à descrita pelas inglesas.

²⁶ A casca destas árvores, servindo de revestimento contra o frio e o calor, encontra-se a revestir as celas, as portas e outras partes do Convento e das ermidas de habitação do Bussaco.

²⁷ Alguns deles foram transformados em lagos.

²⁸ Temos de apresentar, pela liberdade de opinião que lhes assiste, este juízo das inglesas sobre os, quanto a nós, magníficos painéis de azulejo da autoria de Jorge Colaço. Não percebem, obviamente, o que eles retratam.

“brasileiro Bianor Penalber disse: «Para a grandiosidade da floresta do Buçaco, só a magnitude de um palácio como o Palácio do Buçaco [...]»” (1950: 29).

Mello acrescenta algo que ainda motiva a procura do lugar (1950: 29-30):

“Nesta floresta maravilhosa de deleite e policromias, têm-se encontrado os homens mais célebres do pensamento humano. Filósofos, poetas, prosadores, pintores, escultores, agrónomos, guerreiros e monges – toda a gama de talento tem incentivado as suas criações [...] Quantos homens de negócios ali têm encontrado a retemperança necessária para poderem continuar com êxito o seu labor fecundo! Quantos casais felizes passaram ali a sua lua de mel!”.

O Luso é descrito com o amor e enaltecimento de quem longe está, mas a descrição não está tão longe de outros testemunhos, que não o do filho da terra: “Povoação tão antiga e tão linda, onde a casaria primitiva vai desaparecendo por entre as construções modernas, em varias ruas que a servem [...] Palacetes em quintas e quintãs. De variados gostos, semeiam-se por encostas e outeiros. Hotéis e pensões recebem agradavelmente os aquistas, que procuram as suas águas afamadas e, para muitos, milagrosas” (1950: 60).

Podemos verificar, por este relato, como o Luso da época de 50 do século XX continuava na moda e a desenvolver infra-estruturas, destinadas a acolher os aquistas que aí acorriam. O médico dá esclarecimentos detalhados sobre a composição e o “poder misterioso” da “eficácia terapeutica” (1950: 60) desta água, que, junto com o clima, acabam por se tornarem “dois aliados poderosos, que actuam em conjunto, fortalecendo o poder vital do organismo”. A Água de Luso “é servida por uma estação hidro-terápica moderna, um hotel magnifico e otimos recantos de sombra idílicos” (1950: 61).

Por outro lado, fala de outras fontes que não a da “mãe d’água”, como a Fonte de S. João, “junto à capelinha” com o mesmo nome, de onde jorra água por *doze bicas*, e a Fonte dos Castanheiros. Alude também ao Casino de Luso e à estação da Vila onde, perto dela, “o Sud-Express” “atravessa uma formidável ponte metálica, a qual foi construída por Eiffel, o autor da célebre torre de Paris” (1950: 61-62).

Menciona quer as famílias importantes da zona, quer as que emigraram, muitas delas tornando-se beneméritas para a comunidade de Luso ou dos arredores. Louva a acção de Navarro, que “visionou um Luso paradisíaco”, mas também o apoio dado por Duarte de Figueiredo, chefe de “uma grande casa comercial” em Campinas, que “apoiou a vida económica dos seus habitantes”. Termina a sua palestra na Biblioteca Municipal de S. Paulo, louvando desde a simples aldeia portuguesa à capital, Lisboa, bem como todos os “homens valiosos” da diáspora que “acima de tudo são portugueses”, e conclui dizendo: “O Buçaco irradia a magnitude do Homem e da Natureza” (1950: 64).

Em 1972, dava à estampa o relato da jornalista e romancista francesa **Suzanne Chantal** (1908-1994) intitulado *Buçaco*. Utilizado como propaganda turística, apresenta algumas reproduções de gravuras e desenhos alusivos ao Bussaco e à sua História. A obra baseia-se quer nas vivências pessoais/memórias da narradora (*Je me souviens*), quer numa forte componente histórica para descrever o lugar.

No que diz respeito a um aspecto omitido noutros relatos (com excepção dos de Saramago e Urbano, que se referem aos animais que podem estar ocultos no arvoredo) no capítulo “Les Bêtes” a narradora informa-nos, de forma precisa e até surpreendente, sobre as *soixante-dix espèces de papillons diurnes et soixante-cinq nocturnes*, sobretudo

les luisants (os pirilampos). Não refere os morcegos que habitam o Bussaco, actualmente objecto de estudo científico e de interesse turístico, pois realizam-se visitas guiadas nocturnas para sua observação. Outro dos aspectos que realça é o que diz respeito aos odores do Bussaco, o *parfum des arbres – camphre, encens, gomme, poivre, jasmin* -, simultaneamente inebriantes e apelativos.

No final do texto, em anexo, encontram-se informações do Bussaco e arredores (Coimbra, Conímbriga, Lorvão, Aveiro, Caramulo, Ílhavo), sugerindo itinerários (com as respectivas distâncias, em quilómetros) que se poderão realizar a partir do Bussaco. Cada um está feito no sentido de se adequar, da melhor forma, a um diversificado tipo de gostos/turistas, entre eles os amantes de arte, da praia, da natureza, dos vinhos, das águas termais, da pesca, não esquecendo de incluir igualmente alguns percursos mais adequados para crianças. Para estas, se estiverem mais aborrecidas, sugere a visita ao Museu Militar, inaugurado pelo Rei D. Manuel II em 27 de Setembro de 1910, ou seja, cem anos após a Batalha do Bussaco.

O Bussaco não foi apenas o lugar do “Desterro” dos “Meninos de Palhavã”, filhos naturais de D. João V, ou lugar de repouso para apoiantes do regime salazarista, como aferiremos do romance de Tabucchi. **Manuel Tiago**, pseudónimo do político Álvaro Cunhal (1913-2005), que foi igualmente escritor, desenhador e tradutor, foi para o Luso, entre 1948 e 1949, restabelecer-se de uma operação²⁹.

No romance **Neo-Realista Até amanhã Camaradas** está espelhada a vida interna do Partido Comunista Português (PCP), em torno das lutas populares que organizou durante a Ditadura (1968-1974). Nele, surge o motivo da doença (real, no caso de Cunhal), motivo que era utilizado pelos militantes que se encontravam na clandestinidade, para poderem arrendar “casas de apoio”, onde pudessem viver e encontrar-se, de forma a combinar, entre outras, estratégias e tarefas de luta, ou formas de reagir à tortura, quando eram presos.

No caso de Cunhal, o Partido aluga o **Casal de Santo António**, em Luso d`Além, na Rua Barbosa Cohen. Aí será detido, pela terceira vez, em 25/3/1949, junto com dois camaradas, Sofia Ferreira e Militão Ribeiro, após a denúncia feita por José Feio Soares de Azevedo³⁰ (*Via*, 2009, nº 1). Embora o espaço, onde se passa a narrativa *Até Amanhã Camaradas*, seja o Vale do Tejo, a obra espelha o que representa viver escondido numa casa clandestina, durante o tempo do fascismo, que muito se assemelha ao que o autor terá experienciado em Luso. O Casal de Santo António, onde se escondia da polícia política (PIDE), tem uma placa evocativa da sua permanência ali.

²⁹ Por outro lado, para além da sua efectiva reabilitação física em Luso, Cunhal poderia estabelecer, junto com outros militantes que o acompanhavam, contactos políticos na região Centro, nomeadamente no Concelho da Mealhada, onde então estava concentrado o secretariado do Partido na clandestinidade. Esta informação baseia-se na Revista *VIA*, 2009, nº 1. Este número tem como título: “Álvaro Cunhal preso no Luso.” Esta Revista é *especialmente dedicada à valorização do património da Mealhada e dos concelhos vizinhos, Anadia, Mortágua, Cantanhede, Penacova e Coimbra, da região da Bairrada e do Buçaco.*

³⁰ Esta denúncia, que corresponde à terceira prisão de Cunhal, enviou o escritor para os calabouços do Porto, de Lisboa (onde faleceu Militão Ribeiro, em greve de fome) e, finalmente, para o Forte de Peniche (em 1960), que actualmente abriga o Museu da Resistência e da Liberdade. Daí se evadirá em 1961, numa fuga considerada histórica, dada a vigilância e repressão do regime fascista (1926-1968) de António de Oliveira Salazar. Durante os onze anos de prisão, estará catorze meses incomunicável e oito em total isolamento. Entre 1953 e 1955 traduzirá, ainda na Penitenciária de Lisboa, o *Rei Lear*, de Shaskepeare.

Já entre o **Realismo Mágico** e o **Surrealismo**, a ficção e a realidade, o *corpus* analisado inclui textos de autores portugueses como **Urbano Tavares Rodrigues** (1923-2013). Na obra *De Florença A Nova Iorque* (1963), o escritor, professor universitário e cidadão envolvido com a *res publica*, tem dois pequenos textos dedicados ao Buçaco, ambos escritos na década de cinquenta, embora só o segundo esteja precisamente datado. O primeiro, intitulado “Na Mata do Buçaco – Alfobre de Mitos” (s.d.) e o segundo, “Sinfonia de Outubro”, escrito no “Buçaco”, em “1958”. A imagem que captamos do Buçaco, em ambos os textos, é a de um lugar fantástico, surreal. Por outro lado, no século XX (e no *corpus* recolhido para a nossa investigação) destaca-se por ser um dos escritores que menciona, de forma mais expressiva, a *Via Sacra* do Bussaco e o seu envolvimento.

O texto “Na Mata do Buçaco...” condensa, em riquíssima prosa poética, as suas impressões sobre este mítico bosque e a sua arquitectura, simultaneamente sagrada (Convento, Deserto, fauna, flora) e profana (*Palace*). Considerando-a uma “floresta luminescente”, após tecer algumas considerações sobre a “Fonte Fria” (uma “cascata” de “água pura e gelada”) e o “Vale dos Fetos” (“vale estranho, um dos sítios espantosos do Universo onde se apalpa a morte”), o Autor afirma(1963: 104-105):

“É o Buçaco. E eu pasmo como ainda ninguém se lembrou de escrever os contos «mágicos» do Buçaco. A Alhambra de Granada teve um Washington Irving para lhe inventar as lendas. O Buçaco ainda não. E para lá do feitiço imediato, dos doces, silentes, meditativos passeios religiosos que seguem os «passos do Calvário», através das sendas românticas da morte, balizadas pelas capelinhas dos eremitas, onde um barro já precioso figura as cenas da Paixão; para lá dessa beleza consabida e grave, e calma, das Portas de Coimbra ou do Caifaz - há ainda a floresta com os seus mitos, que só pedem voz para despertar. [...] Andei por ali deambulando e [...] por entre os abetos, ouvindo correr água [...] adivinhando as aves arrebadanças [...] e os animais esquivos do bosque [...] eu escutava uma história. Quem ma contava? O próprio bosque percutido por esse bruxo nostálgico do vento ou as raízes do tempo, semeadas entre os gigantes sagrados?”

Sem deixar de relevar o carácter *bourgeois* e mesmo *neo-romântico* do *Palace*, eis que o faz surgir no meio de um envolvimento mítico-fantástico, como se de um palácio de conto de fadas se tratasse (1963: 105):

“E na clareira vasta da mata havia ainda um palácio encantado, com repuxos, com floreos manuelinos, e gárgulas hiantes arrancando-se contra as nuvens, e com jardins de buxo esculturais [...] com a sua sala Carlos Reis adormecida a meio de um sonho [...] Deliciosos terraços de utopia, ante o mais formoso, mas também o mais sério, o mais profundo talvez, dos monumentos da natureza que existe na nossa terra: essa mata única das veredas do espírito, da fantasia tornada árvore, capim, folhagem e névoa.”

E, sobre os arredores da Mata dos Carmelitas observa (1963: 106):

“Por muito gratos aos sentidos que sejam os arredores do Buçaco: o Luso, com as suas águas e a sua calma pintada de branco, a deliciosa Cúria, com o seu parque de um género bem diverso, todo ele parado, datado, burguês, sereno e rico [...] com digníssimas personagens de eterna meia-idade, digerindo, meditando e fazendo horas para as termas [...] e até com «boîtes», até com uma piscina [...] não há ainda nada por ali que valha o Buçaco, a sua Cruz Alta, as suas miragens, os ecos dos seus frades há trezentos anos mortos, as suas humildes pedrinhas pacientes que tanto alegram o olhar do viandante pacato. E as ossadas manuelinas formidáveis, sempre inesperadas, adoráveis, do Palace-Convento [...]. Não, decididamente alguém tem de vir contar-nos ainda as lendas por acordar da floresta murmurante do Buçaco!”

Porém, a imagem do Buçaco surge mais surrealista, no texto “Sinfonia de Outubro”. Talvez porque esta viagem seja de essência memorialística e, assim, o seu retorno “ao Buçaco” faz-se “devagar” (1963: 191). Informa-nos o narrador que em Lisboa grassava a gripe “asiática” e estando à espera da sua “vez”, no ambiente infecto da cidade, retorna à genuinidade da Mãe natureza, ao “silêncio verde”, onde “só o vento desenhava gestos luminosos no íntimo da mata. Cantavam os gaios nas tranças dos castanheiros e dos carvalhos; claros de sol desciam pelos troncos dos plátanos; ondulavam brandamente os vértices dos pinheiros alemães, dos cedros cinzentos. Já no solo, nas clareiras desmoitadas, por entre a almocela dos fetos, havia flores arruivadas; e um gosto de antiquíssimas lembranças imprecisas, um desejo morno de regresso além do passado e do futuro insinuava-se na lentidão das tardes” (1963: 191). E o fantástico acontece, nesta atmosfera surreal (1963: 191-193):

“Um dia, acima dos Vales dos Fetos Gigantes, andava eu passeando pelas veredas da floresta tenra, mosqueada de ouro – e nesse aquário vegetal ia arrefecendo o espírito ainda cheio de imagens febris, as que comigo trouxera – quando do meio da espessura, de entre as cascatas de verde, as faias, as tílias imensas e os fustes brancos das bétulas saiu um grito animal, um grito de alegria quase feroz, estranho e inquietante [...] repetiu-se o grito, agora já distintamente humano, malicioso, insolente [...] Enfim [...] surgiu [...] uma pequena figura grotesca [...] Era o sileno. O sileno da floresta mítica [...] Tornei a vê-lo, sileno domesticado, na romaria castiça [...] Aí o encontrei, perpetuamente ébrio mas sereno, entre o povo sobejamente real dos mais incríveis aleijados que expunham mazelas na berma da estrada [...] Era a festa da batalha do Buçaco³¹, com soldados antinapoleónicos [...] e as moças lusitanas, castanhas, fragosas [...] enchiam o dia de esbelteza [...] Ao anoitecer, no castelo manuelino, absurdo e fantasmal que me abrigava [...] o alcatifado «Palace», gemente de violinos, o mais confortável, estilizado e civilizado hotel [...] eu ia descansar e ali me sentia feliz, de mãos vazias [...] esquecido de todos os laços, de todas as prisões [...] supremamente alheio[...] à angustiante posse das coisas, que aniquila a liberdade.”

O Nobel da Literatura, **José Saramago** (1922-2010), refere-se ao Buçaco em dois textos, um de teor mais intimista e outro mais literário. O primeiro, publicado em 2003, dá conta que o escritor esteve “uma semana no Buçaco, longe dos jornalistas e de tudo” atravessando a Mata “em todas as direcções”, subindo “à Cruz Alta”, e afirmando “Eu gosto, eu preciso de árvores” (*apud* Vasconcelos, 2010: 72).

Já na sua obra *Viagem a Portugal* (1ªed. 1983), o Autor regista as suas impressões quer sobre o *Palace*, quer sobre a Mata. Sobre o *Palace*, o narrador reconhece “como bem cinzelada está esta pedra, como são bem lançadas as salas e cómodas as cadeiras, como tudo está disposto para o conforto”. Sem “azedume intelectual”, o “viajante” pensa que “O Palace Hotel será [...] o sonho realizado de um milionário americano que, não podendo transportar para Boston, pedra a pedra, este edifício, aqui vem exercitar a sua cobiça” (1995: 149).

Todavia, assevera igualmente (1995: 149): “Parece, no entanto, que ainda aqui se engana o viajante: muitos dos estrangeiros que se hospedam debaixo destes manuelinos tectos abalam de manhã cedo para a mata e só voltam às horas das refeições. O viajante começa a acreditar que o bom gosto não se perdeu neste mundo, e, assim sendo, não tem mais que seguir o exemplo das nações avançadas: vai à mata”. Afirmado que

³¹ Pensamos que alude à romaria a Nª Senhora da Victoria, em que se comemora anualmente a Vitória da Batalha de 27 de Setembro de 1810.

“quando se diz Buçaco, não está a pensar-se nesta serra igual a tantas, mas naquele extremo dela, que é a mata”, o narrador confessa (1995: 149-150):

“A mata do Buçaco absolve os pecados conjuntos de Manini e do viajante, e também, se é possível absorver toda a gente, de Jorge Colaço, que fez os azulejos [do Palace], e dos Costa Mota, tio e sobrinho, que fizeram aí esculturas. É o reino do vegetal. Aqui é serva a água, servos os animais que se escondem na espessura ou por ela passeiam. O viajante passeia, entregou-se sem condições, e não sabe exprimir mais do que um silencioso pasmo diante da explosão de troncos, folhas várias, hastes, musgos esponjosos que se agarram às pedras ou sobem pelos troncos acima, e quando os segue com os olhos dá conta do emaranhado das ramagens altas, tão densas que é difícil saber onde acaba esta e começa aquela. A mata do Buçaco requer as palavras todas, e estando ditas elas, mostra como ficou tudo por dizer. Não se descreve a mata do Buçaco. O melhor ainda é perdermo-nos nela, como fez o viajante neste tempo de Janeiro incomparável, quando ressumbra a humidade do ar e da terra, e o único rumor é o dos passos das folhas mortas.”

Já **Miguel Torga**, pseudónimo do médico Adolfo Coelho da Rocha (1907-1995), que dedica, no seu *Diário XVI*, a “3 de Março de 1991”, uma nota ao “Buçaco”, refere-o como um “[...] cenário carismático. Há horas sentimentais que necessitam de ser comemoradas em lugares assim, ao mesmo tempo bonitos e emblemáticos. Ficam mais perenes no coração, nos olhos e na lembrança” (1999: 1706).

António Tabucchi (1943-2012) notabiliza-se em Portugal com a sua obra *Afirma Pereira* (1º ed.) que servirá de argumento para o filme, realizado por Roberto Faenza, *Sostiene Pereira* (1996). O romance decorre em 1938 e o narrador, de forma breve, dá-nos uma imagem de um lugar que, sobretudo até aos anos sessenta do século XX, era apetecido pelas elites burguesas, muitas delas afectas ao regime ditatorial então vigente. Pereira, um jornalista do vespertino “Lisboa” recorda que, no Verão, o “director” do periódico em que trabalhava estava “no Buçaco, a gozar o fresco e as termas” (Tabucchi, 2002: 11).

Publicado em 2011, nos EUA, *1,000 Places to See Before you Die* é uma obra da jornalista **Patrícia Shultz** (?-?) que é uma autêntica *volta ao mundo*. Em Portugal Continental, a autora refere-se à “Bussaco Forest”, apelidando-a de “Sylvan Setting for a Pleasure Palace” (2011: 239). Enfatiza o trabalho dos Descalços que, segundo ela, transformaram este lugar num tipo de Jardim Botânico, rodeado por um muro, em que a mão humana e as circunstâncias históricas de um império colonial deram forma. Schultz descreve a Mata da seguinte forma (2011: 239): “The secluded Bussaco Forest isn’t a natural forest but an enormous walled arboreum planted by Carmelites monks in the 17th century. It grew with the Portuguese empire, as exotic trees were brought in from all corners of the globe [...]”

Refere igualmente a bula papal, que proibia o corte ou danificação das árvores da Mata, e regista as belezas do “Palace Hotel”, “one of Europe’s most special hotels, a turn-of-the-century jewel of romance in the neo-Manueline style” (2011: 239). Para finalizar o seu périplo na zona, Shultz aconselha uma visita à cidade universitária de Coimbra: “Seat of Portugal oldest university, established in 1290, the streets of Coimbra are filled with students wearing their traditional black capes” (2011: 239).

Em 2021, **Lurdes Réu** (1958-) publica um livro destinado ao público infantil, com ilustrações de Mafalda Neves (1997-), sobre o Luso, o Bussaco e arredores: *Histórias daqui para o Balthazar saber*. Deste modo, os mais jovens podem apreciar pequenas

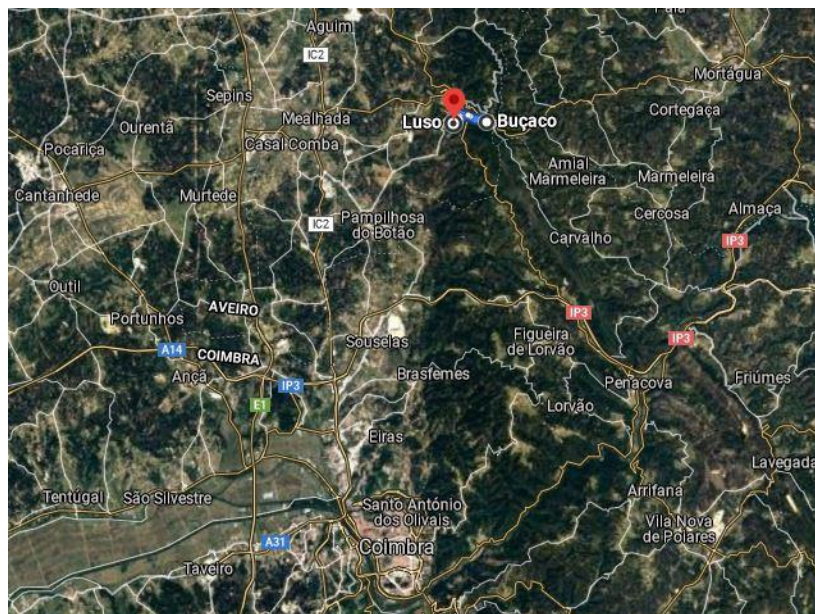
narrativas sobre estes lugares, desde o “Menino das Fonte dos Castanheiros” e os
“Moinhos” de Luso, ao “Cedro de S. José”.

7. PROPOSTA DE ITINERÁRIOS, LITERÁRIOS E CULTURAIS

7.1 Luso

- Em Luso, as *Quintas* e *Challets* anteriormente referidos, de que demos informação ao longo deste artigo, foram seleccionados com os nomes pelos quais são conhecidas actualmente. Alguns deles são seguidos pela designação de como eram conhecidos no século XIX e início do XX. Também se indicam outras edificações de interesse patrimonial, algumas privadas, bem como outro tipo de património, cuja informação se acrescenta agora. Não seguimos apenas os “Pontos de Interesse” que, desde 2020, se encontram publicitados, em Luso, como possíveis locais de visita. Indicamos neste(s) itinerário(s) as nossas sugestões (figura 1).

Figura 1. Localização geográfica de Luso-Bussaco



Fonte: Google maps

7.1.1. Termas, alojamentos, “casas” com história

Balneário das Termas de Luso

Centro Médico das Termas/ Anexo

Antigos escritórios e local de engarrafamento da Água de Luso

Grande Hotel de Luso e Piscina Olímpica

Hotel Alegre / Challet do Marquês da Graciosa

Vila Aurora – Vila Laura (hotel)

Casal de Santo António (particular)

Quinta da Torre do Viso / Casa do Viso, de Emídio Navarro (particular)

Vila Missi / Challet Barbosa Cohen / Collén (particular)

Casa Miralinda (Vila Troncho de Mello)

Vila Vaz Simões (particular)

Residencial Choupal – Sala de Espectáculos

Pensão Astória

Hotel Éden (1984, com Discoteca na época)

7.1.2. Luso - outro património a visitar

Igreja de Nossa Senhora da Natividade - século XVII, posteriormente a Torre da Igreja teve o patrocínio de Emídio Navarro, cujo arquitecto foi o mesmo que gizou a Torre da *Casa do Viso*

Parque de Luso / Parque do Lago (concluído em 1963)

Court de Ténis (no Parque de Luso, da responsabilidade da C. M. da Mealhada)

Complexo Desportivo (no Parque de Luso)

Casino (*Art Nouveau*) com Biblioteca, sala de exposições/ sala de espectáculos (com pintura no tecto de Gabriel Constante, datada de 1910), núcleo museológico da Sociedade da Água de Luso.

Café do Casino (*Art Nouveau*)

Capela de S. João Evangelista (século XVIII, com planta hexagonal)

Fonte de S. João Evangelista - anteriormente com espaço para lavadouro público, servia para abastecimento de água e ainda cumpre essa função, com as suas onze bicas. Muita desta e de outras linhas de água, vai para o Lago de Luso

Jardim da Avenida Emídio Navarro e pedestal evocativo do Conselheiro Navarro

Cinema de Luso (inactivo)

Chafariz de 1917 (edificado pela Sociedade de Propaganda de Portugal)

Posto de Turismo e Sala Comendador Melo Pimenta - antiga Escola Primária feminina

Junta de Freguesia – antiga Escola Primária masculina

Antigos Correios (privatizados, 2011-2015)

Avenida e Fonte dos Castanheiros

Estação dos Caminhos de Ferro

7.2. Bussaco

A Fundação Mata do Bussaco lança, na década de vinte do século XXI, um Mapa/Guia da Mata, que oferece a possibilidade de se realizarem quatro trilhos: o “Trilho da Água”, o “Trilho da Via Sacra”, o “Trilho Militar” e o “Trilho Floresta Relíquia”. Os folhetos turísticos apontam para as características inerentes ao espaço, que incluem algumas das distintas espécies de fauna e flora. No que respeita à flora, dividem-na em três categorias: *Arboreto*; *Jardins* (do *Palace Hotel*) e *Vale dos Fetos*; *Floresta Relíquia* (onde se encontra as espécies mais antigas, como os adernos do *adernal*, o loureiro, o medronheiro ou o azevinho), apontando para uma variedade de árvores e de arbustos de cerca de 250 espécies. Contudo, pensamos ser uma contagem demasiado estrita. Pensamos que a Mata tem cerca de 700 espécies diferentes³², embora recentemente algumas tempestades tenham destruído algumas das mais emblemáticas, que contavam centenas de anos. Desapareceu a referência ao “Pinhal do Marquês”, nesta publicação.

Para além da fauna e flora, referimos aqui algum do património edificado, que merece a nossa especial atenção, dado que é frequentemente descrito pelos *viajantes cultos* do Bussaco:

Palace Hotel

Convento e Igreja de Santa Cruz

Via Sacra – Passos da Prisão e Passos da Paixão;

*Capelas de devoção*³³ - umas quadradas e outras redondas, nomeadamente: a de **S. José** – quadrada, 1643; a do **Santo Sepulcro**, 1646, – redonda, como a do Santo Sepulcro em Jerusalém, mandada edificar por D. Manuel Saldanha. A de **Santo Antão** também é redonda. A de Santa Teresa, quadrada. A do **Rio Cedron**, quadrada.

Ermidas de habitação

Fontes (da *Samaritana*, mandada edificar por D. Manuel Saldanha; a *Fonte Fria*; a de *S. Silvestre*, de *St. Elias*, do *Carregal*)

Cruzeiro

Cerca e Portas (de Coimbra, da Cruz Alta, de Sulla, da Rainha, das Ameias, de Luso, da Serra, das Lapas). As Portas normalmente conduzem a miradouros, mais ou menos abrangentes, da região de Mealhada e arredores.

³² Já o prospecto *Grande Rota do Bussaco, Encontro na Mata, Gr 49*, aponta para cerca de 700 espécies, como já referimos. Segundo Paiva, a maioria das árvores exóticas foi introduzida a partir de 1856, “sob a acção de R. Moraes Soares e S. Bernardo Lima” (1987: 80). Muitas espécies exóticas foram trazidas de locais onde os portugueses estiveram, como na Austrália ou no Japão, e ex-colónias, como no Brasil, África, Índia (Goa, Bombaim), Timor. Algumas espécies são proveniente dos arquipélagos da Madeira e dos Açores. A floresta que havia na Mata, no tempo do Rei D. Fernando II, inspira-o para a reflorestação da Serra de Sintra, à volta do Palácio da Pena.

³³ Gomes refere-se a estas construções como “ermidas”, e as datas que apresentamos são fornecidas pelo autor (2005: 7272). A designação “capelas” são sugeridas pelo actual guia/folheto turístico. Este último divide as construções distinguindo as *capelas de devoção* (em planta circular ou quadrada, tal como Gomes indica no que respeita às “ermidas”) e *ermidas de habitação* (construídas para vontade religiosa de reclusão).

Cruz Alta (com miradouro, onde, além do pôr-do-sol, em dias sem neblina podemos avistar as Serras do Caramulo, da Estrela, da Boa Viagem ou da Lousã)

Museu Militar do Bussaco / Museu da Guerra Peninsular

Capela das Almas / **Capela do Encarnadouro** / **Capela da Senhora da Vitória**

Obelisco comemorativo da Batalha do Buçaco e da vitória do Exército Luso-Inglês

8. REFLEXÕES FINAIS

Analisámos de forma sucinta a evolução das termas, a nível nacional, e concluímos que, apesar do turismo de *sol e praia* e dos cortes de apoio do SNS terem reduzido, momentaneamente, alguma procura dos tratamentos termais, até 2019 parece ter havido um crescimento na procura desses tratamentos, que o COVID-2019 fez abrandar. No caso do Luso, este problema, junto com a sua anterior transformação em Spa, parece não ter favorecido a vertente de tratamentos termais, normalmente realizados por pessoas de nível etário mais elevado, ao invés da adesão que se fez sentir em relação ao Spa.

Por outro lado, pensamos que um certo abandono dos tratamentos termais, que se deu sobretudo na década de oitenta do século XX, não se deveu unicamente à moda do *sol e praia* (que se inicia na década de sessenta), mas também à forma como muitos médicos encaravam os benefícios da balneoterapia e da ingestão de águas termais, bem como a preparação médica que tinham sobre Hidrologia Médica. Os exemplos da necessidade dessa revalorização foram apontados na *Breve Síntese* inicial.

Toda a região Centro de Portugal tem grandes potencialidades para desenvolver diferentes espécies de turismo: termal, cultural, religioso, gastronómico, de aventura, de sol e praia, de natureza. Todo Concelho da Mealhada, que pertence ao Distrito de Aveiro, é conhecido pelas suas termas (Luso, Curia), paisagens, gastronomia (o “leitão à Bairrada” foi, em 2011, eleito uma das *Sete Maravilhas Gastronómicas* de Portugal), e o vinho da zona da *Bairrada* (pertencente uma parte ao Distrito de Coimbra e outra ao de Aveiro). Na Mealhada, são famosas as Caves Messias (fundadas em 1926), pelos seus vinhos. Hoje em dia, a *Água de Luso* é conhecida não só a nível nacional, mas também internacionalmente.

No Distrito de Aveiro, em Anadia, temos ainda equipamentos que se podem visitar como o *Museu do Vinho* e, em Sangalhos, o *Aliança Underground Museum*, o primeiro museu subterrâneo em Portugal. Neste local ainda se produz o vinho da marca Aliança, e as suas adegas possuem aguardentes, vinhos espumantes e outra espécie de vinhos tintos, rosé ou brancos, que são mostradas com salas integradas que exibem nove coleções de arte, que vão da cerâmica à mineralogia, da tapeçaria à azulejaria, da arqueologia e etnografia, africana e indiana, aos fósseis raros.

Luso, com as suas instalações hoteleiras, desde cedo edificadas, com as suas ruas e jardins, pode receber não só as pessoas que procuram as suas termas ou o seu Spa, abertos todo o ano, mas muitos outros interessados em conhecer distintas espécies de experiências, seja na altura da *Romaria da Ascensão*, seja na Páscoa. Um turismo religioso justifica-se na *Via Sacra* do Buçaco, e cabe à *Fundação Mata do Buçaco* continuar a dinamizar esses eventos, visto que este é um espaço sagrado para religiosos e laicos, amantes da Natureza, mesmo no período estival.

São sempre aprazíveis os múltiplos caminhos pedestres da Mata, em qualquer altura do ano. De notar que a beleza do lugar é de tal modo apetecível, que a sétima arte também o quis utilizar como cenário. No interior do *Palace* e no seu envolvimento exterior foi filmado *O Divã de Estaline*, drama histórico de produção luso-francesa de 2016, realizado e escrito por Fanny Ardant, com base no romance homónimo de J. D. Baltassat, protagonizado por Gérard Depardieu e Emmanuelle Seigner.

No que respeita ao Turismo Literário, este pode seguir conjuntamente com a(s) Arte(s), complementando o sentido e beleza deste(s) lugar(es). Os autores, através dos seus textos ou das suas pinturas, tornam-se fundamentais para nos fazerem sentir de forma mais plena estes espaços. São fortes as componentes de História, de História de Arte, de Arquitectura ou de Geografia, que se expressam nas suas obras. Junto com as Artes, estes poemas, estes relatos de viagem, estes *guias*, partilham entre si uma forma de relação com a natureza e com as realizações humanas que não se limita a uma observação “ociosa”, típica de algum tipo de turismo e de “turista” da actualidade, antes reflectem uma forma de envolvimento com o mundo, emblemática noutros grandes *exploradores* que apresentaram uma postura de abertura face ao *outro*, face ao diferente e ao imprevisível. Por isso lhes chamámos *viajantes cultos*.

Tal como as gerações românticas do século XIX, a 1ª República acarinhou e desenvolveu um projecto de *turismo culto*, para estrangeiros e portugueses, tentando suscitar nestes últimos o amor pelo seu país, pelas suas maravilhas naturais, pela sua História. Pensamos que as pinturas a que recorremos ou os textos que investigámos nos dão uma imagem do Bussaco e do Luso que não desmente o carisma que, ao longo dos séculos, sobretudo o *mons sacrum*, mas também a pequena Vila, foram adquirindo.

Seguindo o *ethos* romântico da junção entre o património material e imaterial, a Arquitectura, as Artes, as Ciências, a História, a Literatura, têm vindo a dialogar de forma cada vez mais acentuada. Cada uma delas tem igualmente contribuído para a construção de territórios literários e artísticos, a que o moderno turismo e sobretudo os *viajantes cultos* não são alheios. O apreço que sentimos por este lugar levou-nos a querer investigar e partilhar estas linhas, tentando reunir o que estava disperso e até mesmo esquecido, como se de uma unidade se tratasse: as palavras e/ou imagens dos viajantes, que nos encaminham e/ou guiam, de uma forma ou de outra para e através do Luso-Bussaco. Ao terminarmos este artigo não podemos, no entanto, deixar de fazer nossas as palavras de Mattos e Mendes, quando na sua obra afirmam (1874:121):

“Está lembrado o leitor, de que no princípio d’este livro, lhe pedi que não fizesse cabedal de suas páginas, se visitava o Bussaco, disposto a admirar e a sentir. Foi a rasão do pedido, não dever nem poder o meu sentimento substituir o seu.”

BIBLIOGRAFIA

- Albarello, L. e alt. (2005). *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Gradiva.
- Alegre, N. M. G. (2020). *Bussaco vs Buçaco*. Luso, Hotel Alegre.
- Berg, B. (1995). *Qualitative research methods for the Social Sciences*. Needham Heights, Allyn & Bacon.
- Bridge, A., Lowndes, S. (2009). *Duas Inglesas em Portugal. Uma viagem pelo País nos Anos 40*. Lisboa, QUIDNOVI.

- Canilho, N. C. e *alii* (2009). Álvaro Cunhal Preso no Luso. *VIA, Revista de Divulgação Histórica e Cultural*, 01. Mealhada, Jornal da Mealhada.
- Castro, A. M. S. de (1875). *Guia Histórico do Viajante do Buçaco (Com Gravuras)*. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Castro, A. M. S. de.(1896). *Guia Histórico do Viajante do Buçaco (Com Estampas e um Mappa)* , 3ª ed. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Castro, A. M. S. de (1932). *Elucidário do Viajante do Bussaco (Com Estampas e um Mapa)*, 3ª Edição. Famalicão: Tip. «Minerva».
- Castro, A. M. S. de.(2010). *Guia Histórico do Viajante do Buçaco (Com Estampas e um Mappa)*, 3ª ed. Paredes, Ed. Reviver.
- Chagas, M. P. (2015). *O Monge do Bussaco (episódio da invasões francesas, 1809-1810)*. Viseu, Quartzo Editora.
- Chantal, S. (1972). *Buçaco*. Lisboa, Ed. Casa Portuguesa.
- Chevalier, J, Gheerbrant, A. (1982). *Dictionnaire des Symboles*. Paris, Editions Robert Laffont et Editions Jupiter.
- Deprest, F. (2004). *Inquérito sobre o Turismo de Massa. A Ecologia face ao Território*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Fonseca, R. da (1932). *Portugal, Raiz de Turismo*. Lisboa, ACP.
- Gentile, R., Brown, L. (2015). A Life as a Work of Art: Literary Tourists`Motivations and Experiences at Il Vittoriale Degli Italiani. *European Journal of Tourism Hospitality and Recreation*. 6(2) pp. 25-47.
- Giddens, A. (2007). *Sociologia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giordana, J.L. (1996). *Voies et Voyages, Itinérance et Tourisme*. Paris, Ministère de L`Equipement, du Logement, des Transports et du Tourisme et TER.
- Gomes, P. V. (2005). *Buçaco. O Deserto dos Carmelitas Descalços*. Coimbra, XM e Câmara Municipal da Mealhada.
- Herbert, D. (2001). Literary Places, Tourism, and the Heritage Experience. *Annals of Tourism Research*. 28 (2), pp. 312-333.
- Leal, M. L. (1999). «Viagem a Portugal»: Os Passos do Viajante. *Colóquio-Letras* 151/152. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 191-204.
- Leal, V. (2018-2019). Preâmbulo. *Boletim de Minas, Edição Especial – Termalismo 2018-2019*. Lisboa: Direção Geral de Energia e Geologia, Vol. 53.
- Leitão, I. (2018). Literary Sites and Literay Tourism in Some European Countries and in Portugal: Some Reflections. *Traditions and Innovations in Contemporary Tourism*. Cambridge Scholar Publishing, Newcastle upon Tine, UK, pp. 304-320.
- Leitão, I. (2016). Espaço sacro, bélico e turístico: o *Deserto dos Carmelitas Descalços* e a Batalha do Bussaco na Literatura do Século XIX. *Cartografias del Portugués, Lengua, Literatura, Cultura y Didáctica en los Espacios Lusófonos*. Cáceres, SEEPLU y Junta de Extremadura, pp. 535-580.

- Leitão, I. (2012). Religious Tourism in the Central Tourim Region of Portugal: the case of Bussaco. *Reflecting on Religious Tourism and Pilgrimage*. The Netherlands, Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS), pp. 119-132.
- Leitão, N. M. B. M., Lopes, J. M. (Coords.) (1987). *Luso no Tempo e na História*. Odivelas, Junta de Freguesia de Luso, Junta de Turismo de Luso e Buçaco.
- Lew, A., Mckercher, B. (2006). Modelling Tourist Movements, a Local Destination Analysis. *Annals of Tourism Research*, 33 (2), pp. 403-423.
- Lichnowsky, F. (1946). *Portugal, Recordações do Ano de 1842* (Prefácio e Notas por Castelo-Branco Chaves). Lisboa, Ática.
- Link, H. F. (2005). *Notas de uma Viagem a Portugal e através de França e Espanha*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Markl, A. R. G. (2004). *António Ramalho*. Lisboa, Edições INAPA.
- Mattos, A. da S., Mendes, A. L. (1874). *O Bussaco*. Lisboa, Lallemand Frères, Typ. Fornecedores da Casa de Bragança.
- Melo, J. T. de (1950). *Buçaco e os seus Horizontes*. São Paulo, Brasil, Indústria Gráfica José Magalhães, Lda.
- Mongorrinha, J. (2000). *O Lugar das Termas*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Mónica, M. F. (1996). *Turista à Força*. Lisboa, Quetzal.
- Monteiro, L. (2005). *Eco-Biografia. Emídio Navarro, 1844-1905*. Luso, Roble Azul Ed.
- Navarro, E. (1884). *Quatro Dias na Serra da Estrela, Notas de Um Passeio*. Porto, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos.
- Ortigão, R. (1875). *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes, com uma Introdução de Júlio César Machado*. Porto, Livraria Universal de Magalhães e Moniz – Editores.
- Paiva, J. A. R. (1987). A Mata do Buçaco, Um Monumento Polivalente, in REIS, M. de F. (2011). *D. Estefânia e D. Maria Pia de Sabóia*, Vila do Conde: QuidNovi.
- Pine II J. & Gilmore J. (2011). *The Experience Economy* (Update Edition Paperback – July 5, 2011). Havard Business Press.
- Pine J. B. II, and Gilmore, J. H. (1998). Welcome to the Experience Economy. *Harvard Business Review*, 76 (4), pp. 97-105.
- Queirós, E. de (2001). *Cartas e outros escritos*. Lisboa, Livros do Brasil.
- Quental, A. de (1989). *Cartas I*. Lisboa, Universidade dos Açores e Editorial Comunicação.
- Réu, L. (2021). *Histórias Daqui para o Balthazar Saber*. Segadães, Águeda, Artes Tipográficas, Lda.
- Robinson, M. (2007). Narrativas de Estar Noutro Sítio: Turismo e Literatura Turística. *Compêndio de Turismo*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Rodrigues, U. T. (1963). *De Florença a Nova Iorque*. Mem Martins, Publicações Europa-América.
- Sampaio, A. P. F. de (1864). *Memórias do Bussaco, seguidas de Uma Viagem á Serra da Louzan*, 3ª edição. Porto e Coimbra, Em Casa da Viúva Moré-Editora.

- Santos, J.J. Carvalhão Santos (2002). *Novo Guia Histórico do Viajante do Bussaco*. Coimbra, Minerva.
- Saramago, José (1995). *Viagem a Portugal*, 6ª ed. Lisboa, Caminho.
- Schultz, P. (2011). *1.000 Thousands Places to See Before you Die*, 2nd edition. New York, Workman Publishing Company.
- Serrão, V. (1985). *O essencial sobre Josefa d`Óbidos*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Silveira, M. de A. (2000). *João Cristino da Silva (1829-1877)*. Lisboa, Museu do Chiado.
- Simões, A.A.da C. (2002). *História do Mosteiro da Vacariça e da Cerca do Buçaco*. Mealhada, Câmara Municipal da Mealhada.
- Sociedade da Água do Luso, S.A. 1852-2002* (2002). Lisboa, Sociedade de Água de Luso, S.A., Medialivros, S.A.
- Tabucchi, A. (2002). *Afirma Pereira*. Barcelona, Público.
- Tiago, M. (2004). *Até Amanhã, Camaradas* (Ilustrações de Rogério Ribeiro, Prefácio de Óscar Lopes). Lisboa, Edições Avante.
- Torga, M. (1999). *Diário (Vols. IX a XVI)*. Lisboa, Dom Quixote.
- Tours, F. (1989). “Itinerário em Portugal, 1699”, *Portugal nos Séculos XVII e XVIII, Quatro Testemunhos* (Apresentação, Tradução e Notas por Castelo-Branco Chaves). Lisboa, LISÓPTIMA Edições.
- Vasconcelos, J. C. de (2010). *Conversas com José Saramago*. Lisboa, JL.
- Vicente, A. (2009). *Duas Inglesas em Portugal. Uma viagem pelo País nos Anos 40*. Lisboa, QUIDNOVI.
- Watson, N. J. (2006). *The Literary Tourist. Readers and Places in Romantic and Victorian Britain*. London, Palgrave Macmillan.
- XAVIER, H. (2010). *Domingos Sequeira*. Matosinhos, QuidNovi.
- Yin, R. (2014). *Case Study Research. Design and Methods*. Thousand Oaks, CA, Sage Publications.